

Vivendo em Paris: velhos e pequenos espaços numa metrópole

Carmen Silvia Rial (UFSC)
Miriam Pillar Grossi (UFSC)

Índice

• introdução	2
• metodologia	3
• um pouco da história dos studios	4
• mercado imobiliário	11
1. aluguéis	13
2. compradores, os investidores	17
3. <i>viagers</i>	19
• espaço interno - uma etnografia da intimidade	21
1. vergonha das panelas	21
2. bain-douches	23
3. o “conforto”	25
4. cozinha-armário	27
5. uso do espaço interno – um espaço sonhado	29
• o espaço externo	32
1. a vista	32
2. os corredores e o telhado	34
3. elevador e escadas	35
4. as concierges	37
5. parques, cafés e livrarias	38
• conclusão	43
• post-scriptum	44
bibliografia	46

Introdução¹

Já no século XIX, Paris significava para as elites intelectuais e artísticas brasileiras um lugar de modernidade: a cidade luz, a cidade da cultura mundial, o centro da produção artística e literária. Era uma cidade mundial como Berlim ou Viena², exercendo influência em outros continentes. Não é por acaso que uma das principais Universidades brasileiras, a Universidade de São Paulo (USP), iniciará suas atividades nos anos 30 com o apoio da “missão francesa” que incluía, entre outros, Claude Levi-Strauss. Mas será sobretudo a partir dos anos 60 que Paris vai se tornar um dos pólos de atração de estudantes brasileiros para a realização de seus estudos de pós-graduação aos quais se acrescentam, nos anos 70, exilados políticos da ditadura militar.

Um grande choque para a maioria destes estudantes que haviam escolhido Paris para morar, entre outras razões pela idéia de que se tratava de uma cidade *civilizada e moderna*, são as precárias condições de moradia às quais, por questões financeiras, eles devem se submeter. Os apartamentos em que devem morar têm, muitas vezes, menos de 20 m², estão localizados em prédios antigos, inúmeras vezes não têm WC e nem mesmo ducha ou banheira. São portanto, incomparáveis aos apartamentos destinados às classes médias no Brasil, a grande maioria deles construídos segundo padrões da arquitetura moderna.

O itinerário mais comum de moradia de um estudante brasileiro de pós-graduação em Paris inicia por um período de residência num quarto da *Maison du Brésil na Cité Internationale Universitaire*³. Ali, nos pequenos quartos, ele faz a primeira adaptação aos pequenos espaços que ocupará depois. Saindo da Cité, o mais provável é que alugue um studio, studettes e, não raras vezes, pequenas *chambres de bonne* reformadas - espaços localizados em geral no sexto andar dos prédios de estilo Haussmann e construídos para servirem de lugar de descanso para as empregadas (conhecidas em francês como “bonnes à toute faire”), das casas burguesas. Esses espaços muitas vezes minúsculos servem, ao mesmo

¹Este trabalho foi realizado durante nosso período de pós-doutorado realizado em Paris em dois laboratórios do CNRS: Laboratoire d'Anthropologie Sociale do Collège de France e Cellule d'Anthropologie Visuelle da EHESS. Agradecemos ao apoio institucional da CAPES e de nossos colegas da UFSC que nos liberaram por dois anos de nossas atividades de ensino e administração. Este trabalho deve muito ao diálogo inspirador com nossa amiga Luiza Dalpiaz, professora do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUC/RS.

² Hannerz, Ulf “The cultural role of world cities” em Cohen, A, e Fukui, Katsuyoshi *Humanising the City?* Edinburgh, Edinburgh university Press, 1993.

³ Casa do Brasil na Cidade Universitária Internacional de Paris (CIUP). A CIUP está localizada no sul de Paris, num grande parque, no qual aloja umas 50 residências universitárias de inúmeros países do mundo, assim como restaurantes universitários, teatros, cinema, complexo esportivo, etc. Só são admitidos como residentes na CIUP, estudantes de pós-graduação, que só podem residir ali por 3 anos.

tempo, como quarto de dormir, cozinha, sala de refeições e lugar de estudo/trabalho. São apartamentos de passagem, como de certo modo é concebida a vida dos estudantes brasileiros em Paris, que não imaginam ali passar sua vida – um lugar temporário não apenas para os estudantes estrangeiros. Como mostra uma interessante pesquisa realizada com moradores de subúrbios de Paris, muitos vêem a cidade como um “lugar onde se pode ser outra pessoa, onde *nós atuamos* no sentido teatral do termo”.

Nos propomos nesse artigo a descrever e refletir sobre os pequenos apartamentos, espaços íntimos de moradia dos estudantes em Paris.

Metodologia

Esse paper é o resultado de observações e comentários de estudantes de classe média sobre suas condições de moradia em Paris, coletados em diferentes períodos nos quais vivemos em Paris, de 1968 até hoje, e também fruto de uma pesquisa de campo mais sistemática realizada em 1996/97, quando visitamos vários apartamentos em Paris.⁴ Nosso interesse pela questão nos levou também ao mapeamento do mercado imobiliário em Paris através de anúncios classificados e visitas à imobiliárias e apartamentos na condição de possíveis compradoras. Como em toda situação de pesquisa, inúmeros outros dados se acrescentaram às nossas observações, como a leitura de romances e de memórias de escritores franceses e estrangeiros que moraram em Paris e as imagens das moradias da cidade mostradas em filmes de ficção rodados na cidade. Fizemos uma pesquisa específica no acervo da Vidéothèque de Paris, mapeando vídeos, filmes documentários e de ficção que abordam, direta ou indiretamente, a moradia em Paris, privilegiando no nosso olhar a moradia estudantil e/ou as moradias precárias. Além disso, entrevistamos um arquiteto que trabalha num dos grandes escritórios parisienses e inúmeros moradores de pequenos espaços. Nosso enfoque centrou-se, porém, no olhar dos estrangeiros sobre as condições de moradia em Paris. Esta escolha metodológica se deve ao fato de que, pôr serem “olhares de passagem”, permitem o estranhamento e a formulação de agudas reflexões sobre estas situações, que a maioria considera de precariedade, apesar de muitas vezes nelas terem vivido por anos. Constatamos ao entrevistar parisienses, alguns morando em pequenos espaços há mais de uma década, que eles pouco diziam sobre suas moradias atuais e imediatamente começavam a preferindo relatar cenas do passado ou de la campagne - narrativas de banhos na cozinha da casa dos avós, de WC exteriores, etc - como se essas reminiscências fossem incompatíveis com suas

⁴ Inicialmente a fim de alugá-los para colegas (apartamentos maiores) e mais tarde (studios, studettes e chambres) já com a finalidade desta pesquisa.

vidas na metrópole parisiense. São inúmeros, no entanto, os relatos que temos de interioranos qui ont monté à Paris para estudar tiveram de se submeter nos seus primeiros anos à habitar nestes pequenos lugares, mas que, uma vez instalados profissionalmente optaram por espaços maiores - preservando muitas vezes algumas das características destas moradias como, por exemplo, a de continuar morando nos últimos andares de prédios sem elevador.

Em geral nossos informantes eram estudantes de classe média entre 25 e 35 anos. Escutamos e visitamos os lares de dois tipos desses informantes: os que moram atualmente nestes espaços e os que nele moraram quando “eram jovens”, sendo portanto dois olhares diferentes sobre esta situação de moradia; o segundo mostrou-se mais perspicaz, como se a distância em relação a situação precária os tornasse mais capazes de refletir sobre sua condição anterior.

Um pouco da História dos *Studios*

Studios são designados pelos historiadores, na França, como *chambre unique* (quarto único). Já os economistas e parte dos anúncios imobiliários se referem aos *studios* como apartamentos de *une pièce* (uma peça).. Num anúncio imobiliário no Brasil se leria: "um apartamento de um quarto" e para um *deux pièces* “de quarto e sala”. A indiferenciação européia entre sala e quarto parece um resquício do tempo onde as peças da moradia eram indiferenciadas no seu uso. E, de fato, em Paris, muitas vezes a sala é transformada em quarto durante a noite reassumindo sua função de sala durante o dia, como ocorre nas moradias brasileiras de camadas populares mas raramente nas das classes médias⁵.

Apesar do termo *une pièce* designar o imóvel no plano das legislações imobiliárias, atualmente em Paris, a palavra empregada para designar esses espaços de peça única é *studio*, categoria de moradia que se desenvolve no início do século XX em Paris para jovens rapazes burgueses celibatários tal como explicam Monique Eleb e Anne Debarre⁶.

⁵ Estamos consciente da generalidade de termos como classes populares e acompanhamos Claudia Fonseca (1995) quando as define como grupos de baixa renda não implicando “nem em homogeneidade nem em isolamento dos sistemas simbólicos deste universo social”p.15. Quanto à diferenciação entre “classes populares” e “classes médias” estamos partindo de vastas discussões no seio da Antropologia Brasileira e ao falar de classes médias estamos nos referenciando à uma parcela da população que vive em grandes centros urbanos e que compartilha de valores culturais individualistas ocidentais contemporâneos. Velho (1994), Bourdieu (1983), Duarte (1986).

⁶“L’idée du studio, petit appartement pour un célibataire (ou, à la rigueur, pour un jeune couple sans enfant), émerge et devient à la mode dans les milieux non conformistes. C’est un espace presque entièrement dévolu à la réception, doté d’une définition assez floue. Paradoxalement, le goût pour les grands volumes fluides et pour la multiplication des activités dans un même espace aboutira à un dispositif aux dimensions restreintes, mais ouvert et destiné à une personne(...)S’il convient très bien à certains qui ont choisi un style de vie en accord avec leur

O que mais fortemente caracteriza o espaço interno dos *studios* são as multifunções de sua peça única, sua indiferenciação funcional. Ali se dorme, se come, se trabalha, se recebe os amigos. No entanto, o que nos chamou a atenção nestes espaços reduzidos de moradia foi o aspecto de precariedade que em geral eles apresentam, sobretudo por não possuírem instalações sanitárias completas, o que, no Brasil e nos EUA por exemplo, seriam condições mínimas para a moradia num prédio de apartamentos.

Os apartamentos de peças únicas (*chambre uniques*) ou *studios*, como passam a ser designados a partir do século XIX, são encontrados num passado que remonta ao século XVII quando as *chambres uniques* constituíam 31% dos lares parisienses, tendo a aumentado em número a final do séc. XVIII⁷. As *chambres de bonnes* tornaram-se comuns no século XIX e, antes, nos séculos XVII e XVIII, famílias inteiras viviam em apartamentos de uma peça. No século XIX, os higienistas lançaram-se ferozmente contra esses espaços que consideravam “insalubres”.

O desconforto desses apartamentos é notório e foi alvo de inúmeros ataques dos quais merecem ser citados, além do movimento higienista, de grande amplitude e consequências, os de autores como Balzac, Zola e Hugo, pela riqueza de detalhes que fornecem. Mas mesmo um simples administrador público da cidade, já em 1929, notava o desconforto de certos apartamentos, atribuindo sua aceitação a uma questão de raça:

"Tous les peuples méridionaux, ceux de race latine en particulier, n'éprouvent pas le même besoin de confort dans l'habitation que les races germaniques; cela tient évidemment pour une large part à ce fait que les conditions climatiques plus favorables ont entraîné des traditions de vie extérieures incompatibles avec le souci du "home" qui est notamment caractéristique chez les Anglo-saxons. Jusqu'à ces derniers temps, l'ouvrier urbain ou rural, le commerçant, voire le petit bourgeois ont eu dans notre pays, une propension certaine à considérer les débours consacrés au loyer comme de l'argent perdu (...). Dans la plupart des quartiers du centre de Paris (...), la petite bourgeoisie acceptait parfaitement de vivre dans une absence totale de confort locatif que n'auraient jamais admis les ouvriers et les employés anglais autrefois et que ne toléreraient pas à l'heure actuelle les Allemands, les Hollandais ou les Suisses"⁸.

idéologie, il cache en réalité un espace réduit.” Em Monique Eleb e Anne Debarre *L'invention de l'habitation moderne - Paris 1880-1914*, Hazan et Archives d'Architecture Moderne, 1995, pp 188/189.

⁷ Também é um traço surpreendente na habitação de Paris no passado a dispersão vertical das peças de mesmo apartamentno. Essa distribuição em vários níveis foi observada em 45% das habitações de no mínimo 2 peças. A maioria, 62%, são dispostas em 2 andares, como os duplex modernos; 24% em 3 andares, 10% em 4 andares e 4% em 5 ou mais andares. Pode-se imaginar, acrescenta a autora, as idas e vindas nas escadas, a fadiga dos habitantes que, além da alimentação, deviam prover água e combustível”. Paindailhé-Galabrun, Annick *La naissance de l'intimité*, Paris, PUF, 1988pg.248/9.

⁸ Cité par Bertrand, Jean Michel *Architecture de l'habitat urbain - la maison, le quartier, la ville*. Paris, Dunod, 1980

Estes pequenos apartamentos *bons para a raça latina* foram gentrificados⁹ do mesmo modo que as *chambres de bonne* do sexto andar, “aburguesando-se”, após a 2ª Guerra Mundial com a valorização urbana de Paris intramuros. O século XX assiste, portanto, uma recuperação positiva de residências consideradas precárias, destinadas aos empregados dos apartamentos burgueses ou a famílias pobres. Muitos anos vão se passar até que os construtores comecem a construir moradias “para artistas”, que passam a serem designados como *studio* incorporando nesta categoria habitacional um imaginário positivo referente a um espaço com múltiplas funções e, principalmente a relação do espaço com a arte que a categoria *studio* reflete ao mesmo tempo que distancia da categoria quarto. Mas se *studio* é hoje a categoria mais empregada para a moradia de uma peça, encontramos também *studette* e *chambre*, como duas outras categorias recorrentes quando se trata de moradias de uma peça com menos de 15 m². O que distingue a *studette* do *studio* é nitidamente o seu tamanho mais reduzido e o fato, de muitas vezes, ela ter apenas uma pequena cozinha e/ou uma ducha sem possuir WC. Já a *chambre* é menos qualificada ainda pois nunca tem WC, raramente tem ducha e espaço para cozinhar e muitas vezes nem água quente possui.

Mercado Imobiliário

O metro quadrado em Paris, assim como outras grandes capitais mundiais, é um dos mais caros do mundo,. Hoje, em Paris intra-muros o preço do metro quadrado pode variar de 10 a 30 mil francos (ou seja, de 2 a 6 mil dólares por m²). Esta variação se dá em função de diferentes fatores, mas predominantemente em função do bairro. No período de nossa pesquisa o 6ème era o bairro mais caro da cidade e o 18ème, 19ème e 20ème, bairros do norte da cidade, os mais baratos. No entanto, existem enormes diferenças do preço do m² num mesmo bairro e, muitas vezes, no mesmo prédio.

Diferentes fatores concorrem para se estabelecer o preço do m² num mesmo bairro: o tipo de material de construção do prédio - pedra talhada ou tijolo -; o andar no qual o apartamento está localizado; seu estilo arquitetônico; a proximidade de conveniências como o metrô e o comércio alimentar; etc. O estilo dos prédios é classificado pelos francês com termos como burguês (*bourgeois*), bom prédio (*bon immeuble*), pequeno prédio antigo (*petit immeuble ancien*) e prédio de caráter (*immeuble de caractère*); categorias vagas mas que determinam o lugar do prédio na hierarquia de reconhecimento social dos moradores. O andar

⁹Para noção de gentrificação, cf. Smith, Neil, *The New Urban Frontier - gentrification and the revanchist city*, London, Routledge, 1996.

no qual está localizado o apartamento, essencial na variação do preço do m², é um dado menos vago. De modo geral, o térreo e o 6o andar são os mais baratos por razões de salubridade: no caso do térreo, trata-se da pouca claridade e da proximidade da rua; no caso do sexto andar, refere-se a ausência de elevador e a falta de isolamento em relação ao telhado. Quando se trata de prédios burgueses ditos *de caractère*, frequentemente os *studios* se encontram nestes dois andares extremos. Quando no térreo, eles provêm das antigas moradias das zeladoras (*loges de concierge*) que gradativamente foram desaparecendo dos prédios burgueses com a introdução de digicodes no prédio e com uma certa individualização dos moradores parisienses que torna a função da *concierge* desnecessária. Quando no 6o andar, estes apartamentos são antigas *chambres de bonne* gentrificadas a partir de 1920 quando a valorização dos serviços e o conseqüente aumento dos salários tornou proibitivo uma empregada para a maioria das famílias de classe média em Paris. No lugar das empregadas, muitas famílias de classe média se utilizam hoje dos serviços de jovens estudantes estrangeiras (*jeunes filles au pair*) que trocam algumas horas de trabalho por dia pela moradia, continuando assim a ocupar as antigas *chambres de bonne*, agora bem renovadas. Visitamos uma destas *chambres de bonne* com apenas 7m², ocupada por Janete, jovem estudante brasileira, na chique Rue du Four no 6eme, na qual havia milagrosamente uma cama, uma mesinha para trabalho, um box com chuveiro, uma pia, uma placa elétrica com bocas de fogão, um forno microondas, uma pequena geladeira, um armário para roupas e prateleiras para louça e alimentos sob a pia. Ou seja, a rigor, apenas o WC estava no exterior do apartamento, que Janete com humor chamava de *kinder-ovo*. Nesse prédio, todos os quartos do fundo, janela abrindo para o pátio (*cour*), eram desse tamanho. Mas não raramente, estas antigas *chambres* são reagrupadas a fim de formar um pequeno apartamento com banheiro e canto-cozinha (*coin-cuisine*).

1.os aluguéis

A presença massiva de locatários é uma característica histórica de Paris¹⁰. Não temos elementos para afirmar se essa atitude de desprendimento permanece ou não; o fato é que, segundo as estatísticas do INSEE, 54% das moradias em Paris são alugadas. Pelas informações que obtivemos junto aos agentes imobiliários, uma parte considerável da compra e venda de apartamentos pequenos na cidade tem como público interessado investidores que

¹⁰ Il n'est pas très courant d'être propriétaire de son habitatioin dans le Paris des XVII et XVIIIème siècle. Les Parisiens de cette époque ne répugnent pas à être locataires, même des familles aisées dont le patrimoine comprend des maisons dans la ville ou dans la banlieue sont souvant de simple locataires de leur résidence principale". Pandaillé-Galabrun, Annick. *La naissance de l'intimité*, Paris, PUF, 1988:196

os colocam em locação. É compreensível, portanto, que a categoria “investidor” (*investisseur*) seja frequentemente empregada nos anúncios imobiliários dos *studios* à venda. Em alguns casos, conforme lemos nos anúncios a seguir, estes apartamentos são dirigidos à famílias do interior da França (*provinciaux*) ou do subúrbio parisiense (*banlieue*) em vista de acomodarem os filhos durante seus estudos universitários em Paris.

Atualmente existem três tipos de contrato de locação em vigor na França: o contrato por 3 anos, o contrato para apartamentos mobiliados e o contrato temporário, estes dois últimos tendo menos controle que o primeiro e, portanto mais sujeitos às variações do mercado de habitantes temporários na cidade, no qual se enquadram a maior parte dos estudantes.

No início dos anos 80, com a eleição de François Mitterrand, o medo ingênuo da presença dos socialistas no poder fez com que uma parcela dos proprietários de imóveis preferisse deixá-los fechados à alugá-los. Com isso, os poucos apartamentos disponíveis foram disputados por dezenas de candidatos a moradia. Neste período, a dificuldade de encontrar uma moradia era muito grande, sobretudo quando se tratava de estudantes estrangeiros, que representavam 1/3 do 130 mil estudantes universitários em Paris. Relatos de estudantes africanos da época ilustram os dois maiores empecilhos para o aluguel de uma moradia na época: a raça e o sexo masculino¹¹. A questão étnica, levantada já em 1981 nos depoimentos do documentário *C'est déjà loué*, é seguidamente lembrada pelos proprietários. Os estudantes estrangeiros, sobretudo africanos e maghrebins, são evitados como inquilinos porque costumam dividir o apartamento com outros estudantes, o que, dizem os proprietários, desvaloriza o prédio. Também não lhes interessa um longo contrato, o que geralmente ocorre pois esses estudantes permanecem muitos anos em Paris, muitas vezes fazendo toda sua formação universitárias (do 1o ao 3o ciclo). Outras nacionalidades de estudantes, como os norte-americanos que aparentam mais posses e são em geral brancos, são bem-vindos pelos proprietários porque raramente vêm à Paris para estudos de longa duração. Porém, o inquilino ideal é o estudante francês proveniente do interior, que conta com a ajuda econômica dos pais e/ou da prefeitura de Paris, cuja outorga mensal de 1500 francos como “ajuda a moradia” (*allocation logement*) é considerada pelos agentes imobiliários como excelente garantia de solvabilidade. O fato desse locatário de modo geral deixar o apartamento devolvendo-o ao mercado imobiliário tão logo termine os estudos é uma vantagem extra apontada pelos

¹¹ *C'est déjà loué*, documentário em vídeo de Joel Dupont, 13 mn, couleur, 1981 (arquivo da Vidéothèque de Paris).

proprietários, sobretudo porque estes pequenos apartamentos não sofreram com o rebaixamento generalizado dos aluguéis em Paris nos últimos anos¹².

De fato, os aluguéis de apartamentos, que cresceram assustadoramente na década de 80, estão em baixa hoje em Paris, refletindo uma “crise” do mercado imobiliário local que teve início em 1993. Atualmente, o custo do m² de aluguel de um apartamento com *conforto*¹³ (ou seja, com WC e ducha ou banheira) na cidade varia entre 80 a 100 francos¹⁴. No entanto, os apartamentos de uma peça custam em geral bem mais do que isto, podendo chegar à 200 francos por m², como ilustram os anúncios das precárias *chambres e studettes* publicados em maio de 1997 em diversos jornais, revistas e boletins de imobiliárias como nos exemplos abaixo:

9 m² - 1724 f - Abbesses (18^e), Chambre avec meubles, kitchenette, WC séparé, douche. Pied Butte Montmartre.

O anúncio acima oferece um quarto mobiliado de 9 m² por 1724 francos (em torno de 300 US) no bairro 18, os pés da colina Montmartre (lugar habitado por artistas). O wc fica fora do quarto, mas há uma ducha nele e um espaço para cozinhar (kitchenette).

10 m² - 2.000 f - Cité Universitaire (14^e) - Chambre meublée avec douche. 6^e étage. Chf collectif.

Este anúncio, oferece por 2.000 francos um quarto mobiliado com ducha no sexto andar com aquecimento central (o que é considerado uma vantagem pois é uma despesa a menos no inverno com aquecimento), no bairro 14, num lugar bastante valorizado pelos estudantes pois é perto da Cité Universitaire.

¹² Se em 1981 uma chambre custava 450/600 francos e uma studette 800/1200 francos, no final dos anos 90 não se encontrava nenhum anúncio de chambre ou studette por menos de 1600/1800 francos em bairros como o 11^e e o 12^e; eles sobem rapidamente para 2.000/2.400 francos nos bairros próximos às Universidades e às Grandes Ecoles, como o 5^e e 6^e onde o preço dos studios é ainda mais elevado.

¹³ O Instituto Nacional de Estatística Francês (INSEE) distingue as habitações francesas quanto ao seu "conforto" em três categorias: 1. muito infortáveis são ditos os apartamentos sem ponto de água, sem WC e instalação sanitária; 2. infortáveis são as habitações sem água, WC e instalação sanitária mais com aquecimento; 3. todo conforto são consideradas as habitações com WC no interior, instalação sanitária e aquecimento. Além disso, o INSEE utiliza a categoria de "mal abrigado" seja para os que ocupam uma habitação muito infortável, seja porque estão em situação de superpopulação acentuada, ou então porque estão nas duas situações ao mesmo tempo

¹⁴ Dados do *Le Monde* de 11/12 mai 1997. "A l'heure actuelle, on estime que le prix de location moyen au mètre carré dans Paris se situe dorénavant autour de 95 francs. Ce loyer est généralement plus élevé pour les petites surfaces (environ 110 francs pour le centre de la capitale) que pour les grandes (environ 93 francs)". "Autre signe des temps: tandis qu'en 1992, les locataires parisiens devaient essayer des augmentations de 6 ou 7% l'an, ce rythme de hausse est revenu, depuis 1995, aux alentours de 1% dans Paris (...) Dans les années 80, un changement de bail était l'occasion de relever le niveau du loyer de 10 à 15%, d'où l'adoption de mesures d'encadrement toujours en vigueur. Mais, depuis quatre ou cinq ans, c'est le phénomène inverse qui se produit, de nombreux propriétaires étant contraints de baisser le loyer de biens qui ne sont plus à leur prix de marché."

10 m2- 1587,50f Paris (17è) Rue Th de Banville, 8è étage, asc jusqu'a 7è. Chambre de service, WC sur le palier.

Por 1587,50 francos este anúncio oferece um quarto no oitavo andar, sem nenhuma comodidade a não ser de que há elevador até o sétimo andar.

12 m2 - 1875 F -Arts et Métiers (3ème) - Refait neuf, chambre, 6ème étage.douche, bloc kitchenette.

Este anúncio não especifica do que se trata, mas dá a entender que é um studio que foi renovado recentemente, quarto, 6o andar, ducha, bloco kitchenette.

12 m2 - 2500 F - Rome (17e) - Studette. Au 1er étage sur rue calme. Coin douche. Proche du Marché de Levis.

(studette. Primeiro andar sobe rua calma. Canto com chuveiro. Próximo ao Mercado de Levis.)

Como é possível observar nestes anúncios, são poucos aqueles que oferecem cozinha, banheiro com ducha e W.C. e é impossível alugar um quarto por menos de 300 dólares.

Estes preços referem-se evidentemente a aluguéis novos mas encontram-se ainda muitos estudantes que moram em quartos por 1.000 francos por mês, pois se tratam de contratos feitos há mais de 10 anos e que são reajustados anualmente segundo os parâmetros legais. Ainda hoje encontramos sub-locação (os contratos dos apartamentos estando no nome de uma pessoa outra que o morador) por inúmeras razões, mas principalmente pelas dificuldades de se fazer um contrato quando não se tem como comprovar uma renda quatro vezes maior que o preço do aluguel. Porém, ao contrário do que ocorria no século XVIII em casos de sublocação, aqui o locatário oficial nada recebe em troca de ter cedido o apartamento pois o faz geralmente para um amigo ou conhecido quando decide habitar num lugar maior ou voltar para seu país. A sub-locação era mais comum na década de 80 - quando o mercado imobiliário em Paris apresentava maiores dificuldades de oferta- do que hoje, quando se observa uma tendência a queda dos alugueis dada a grande oferta de apartamentos na cidade.

2. os compradores: investidores

Enquanto os anúncios de aluguel são claros a respeito das limitações dos imóveis, os anúncios de venda destes pequenos espaços têm outra característica: a de torná-los atrativos por alguma característica particular: a vista, o bairro, o silêncio. Ao contrário dos anúncios de grandes propriedades e castelos estudados por Marc Augé¹⁵ que estimulam a imaginação do

¹⁵ Cf. Augé, Marc *Domaines et Châteaux*. Paris, Seuil,1989.

leitor com descrições detalhadas de todas as peças, os espaços pequeníssimos que estudamos, exigem dos anúncios outras estratégias retóricas. O anúncio nunca supõe que o leitor/comprador irá morar no lugar. Para evitar qualquer constrangimento, constroem-se duas figuras subjetivas no texto: um provável futuro locatário, o *estudiante*, e o comprador, na pele menos incomoda de um *investidor*. Ou seja, os textos consideram esses pequenos apartamentos de uma peça como destinados a investidores que tem os estudantes como público alvo de futura locação. Por isso, muitos destacam o bom rendimento do aluguel (*bon rapport locatif*), às vezes fornecendo cifras do aluguel atual. Nos poucos casos em que o comprador aparece como morador ele é tratado na qualidade de um morador eventual ou passageiro. O apartamento então é considerado um *pied à terre*¹⁶, ou seja, um lugar que possa ser usado como uma residência secundária porque é suposto que o comprador tenha outra propriedade, na qual habita, que se trata de uma primeira aquisição imobiliária (*premier logement*). De fato, constatamos no diálogo com os agentes imobiliários que, quando se trata de um comprador que pretende morar no apartamento, eles preferem a categoria de “primeira moradia”, destacando outras qualidades do apartamento e, via de regra, sugerindo a compra de um espaço maior num lugar mais afastado dos bairros centrais de Paris¹⁷. Os anúncios abaixo põem em cena estes dois personagens, o estudante e o investidor:

Studio Ve 450 000 f - Saint Séverin, à 100 m de la Seine. Idéal étudiant ou investissement. 20 m2. 5e étage sur rue. Impeccable.

Studette VIe 350 000F- Sèvres-Babylone. Dans quartier St Placide, dans petit immeuble ancien au 2e étage sans ascenseur nous vous proposons une studette de 16 m2 comprenant: une pièce de séjour, kitchenette, salle de bains, placard, au calme sur cour intérieure. Bon rendement locatif.
Parfait pour étudiant.

Studio Ve 450 000 f -St Julien le Pauvre, à 50 m de la Seine. Idéal étudiant ou investissement. 20 m2. 3e sur cour.

Studio 279 000F-Gare de Lyon. Au 4e étage. Refait neuf, coin cuis, SdE, WC. Idéal investisseur.

¹⁶ A própria expressão *pé na terra*, ilustra a exiguidade destes espaços: um lugar tão pequeno no qual só se pode colocar um dos pés.

¹⁷ Alguns bairros como o 18ème, por exemplo, se tornaram alvo de jovens intelectuais em início de carreira à partir dos anos 80, como alternativa viável de aquisição de um imóvel em Paris, trazendo de volta à um bairro em franca decadência um estilo de vida artístico, intelectual e de esquerda, que valoriza positivamente a convivência com a diversidade étnica e econômica. Mas este movimento imobiliário também provocou um aumento significativo dos preços no bairro, sobretudo em relação aos apartamentos de mais de três peças, novo alvo desta geração que agora tem filhos e maior poder aquisitivo.

Como é possível constatar todos os anúncios acima salientam que se trata de um *bom investimento*, que *tem um bom rendimento locativo* e que *é perfeito para um estudante*.

O preço de compra do m2 pode chegar a 25 mil francos (cerca de 5 mil dólares) como nos dois exemplos acima de apartamentos no Quartier Latin. Percebemos também um novo movimento imobiliário que é o da venda das *loges de concierge* no térreo - para estas, a retórica louva o jardim (*cour fleurie*) e até a existência de azulejos (*carrelage*).

O preço elevado do solo em Paris não é uma novidade no mercado imobiliário mas o que sempre espantou o olhar estrangeiro é a precariedade dos apartamentos que são vendidos por esses preços elevados. A escritora norte-americana Mary MacCarthy em sua correspondência com a filósofa alemã Hanna Arendt, nos anos 50, já se mostrava indignada com a especulação imobiliária na cidade, em uma descrição que nos permitimos citar longamente dada a minúcia dos detalhes e a possibilidade de comparação com os dias atuais.

"Il (l'appartement) est situé rue de Rennes, près de la gare Montparnasse - pour être exacte, près du métro St. Placide - au dernier étage d'un immeuble 1880. Balcon de fer forgé en façade; derrière, vue sur un couvent et son grand jardin; plein de soleil toute la journée - un appartement gai. Cheminées, un grand vestibule en courbe avec fenêtres, salon, salle à manger, bibliothèque, trois chambres (dont une grande), deux chambres de bonne au-dessus, chauffage central, une salle de bains à l'ancienne mode, et une grande, merveilleuse cuisine de forme bizarre, à laquelle on n'a pas touché depuis cinquante ans et qu'il faudra gratter, recarreler, etc. Le prix se monte à un peu plus de 31 000 dollars - ce qui au dire de tous, y compris de l'architecte que nous avons chargé de l'examen, est une très bonne affaire. La raison en est qu'il est situé au sixième étage, les étages à l'américaine, et que l'ascenseur est cassé. Il faudra en installer un nouveau, mais ça peut demander une année; il faut l'accord des autres propriétaires, et l'un (celui du deuxième étage, bien entendu) refuse; au prorata, l'ascenseur coûtera 2 000 dollars par propriétaire. On me dit qu'il existe une loi stipulant qu'on ne peut supprimer un ascenseur dans un immeuble qui en a toujours eu un, par conséquent, si c'est vrai, tôt ou tard nous en aurons un. Le général du cinquième, qui vient juste de refaire son appartement, réclame justice, c.à.d l'ascenseur. Comme tu le sais, les escaliers ne me font pas peur, mais à la longue cela risquerait de devenir embêtant pour les invités et rendrait plus difficile la revente de l'appartement en cas de besoin.

Néanmoins, ayant constaté la situation de l'immobilier à Paris, j'ai décidé que si nous voulions avoir quelque chose de bien, il fallait nous attendre à tomber sur un grave inconvénient; le tout étant de le découvrir à l'examen. Le prix sont simplement incroyables, et la plupart des agences n'ont même pas de listes de location, parce qu'il n'y a pas d'appartements à louer - sauf quelques combines. Tout ceci, comme à New York, résulte du contrôle des loyers, mais la situation est pire qu'elle ne l'a jamais été à New York parce que, jusqu'à présent, on n'a presque pas construit d'immeubles neufs. La plupart des appartements que j'ai visités en vue d'achat sont occupés par de très vieilles gens, qui ont décidé de transformer leur habitation en capital et de se trouver un coin à Paris ou en banlieue pour y mourir.

Cette migration a quelque chose de pathétique; comme si un banc de harengs, destiné à fournir des bénéfiques, se dirigeait vers un fjord norvégien pour y mourir plutôt que pour s'y reproduire. Mais le pathos faiblit devant l'avarice de ces vieux propriétaires, qui n'ont pas remplacé un clou depuis cinquante ans et qui se font maintenant une idée extravagante du prix qu'ils peuvent obtenir pour leur antre sinistre; j'en ai vu un rue de Seine, quatre pièces, sans lumière ou presque, et une cuisine, pas de salle de bains, pas même de toilettes; tel que, décrépi, de guingois, puant, bien entendu sans chauffage, les gens en voulaient 40 000 dollars. L'agent immobilier nous a dit qu'il serait probablement acheté et remis en état par quelque riche Allemand - à cause de l'adresse, qui maintenant est devenue chic. On raconte qu'un grand nombre d'Allemands achètent sur la rive gauche ainsi que, bizarrement, en Irlande. »¹⁸.

O preço de 60 mil dólares pago em 1952 por Mary MacCarthy, pelo apartamento de 8 peças mais cozinha e banheiro equivale, hoje, ao valor de apenas um dos dois quartos de empregada do apartamento.

3. *viagers*

O depoimento de Mary MacCarthy mostra também que, nos anos 50, os velhos vendiam seus imóveis no centro de Paris para viverem seus últimos dias fora da cidade. Hoje, no entanto, eles parecem preferir ficar nos imóveis, muitos preferindo optar por uma outra solução imobiliária, o contrato de venda *viager*, esse sim poderia ser qualificado como sinistro ou macabro. O investidor em *viager* leva em consideração a idade do morador assim como sua situação de saúde, fazendo uma compra que pode significar um excelente investimento (caso o morador faleça rapidamente) ou um péssimo negócio (caso o morador sobreviva por muitos anos)¹⁹.

Além do valor do *bouquet* e da renda (em geral, entre 2.500f e 3.000f por mês), os anúncios de *viager*, revelam sem pudores a idade do idoso, em geral sob o termo de “cabeça de x anos” (*tête de x ans*), notadamente quando ela ultrapassa os 75 anos, pois a idade avançada do locatário é anunciada como uma vantagem para o comprador²⁰: Não são raros textos de anúncios, como o exemplo abaixo, cuja leitura causa um arrepio como se fosse a antecipação de um anúncio funerário:

¹⁸Arendt, Hannah e Mary McCarthy *Correspondance 1949-1975*. Paris, Stock, 1996,p.198/200.

¹⁹ Anualmente em Paris são feitas de 4 à 5 mil vendas de apartamentos pelo sistema *viager*, mas, hoje parece haver mais oferta do que procura por este tipo de venda imobiliária e começa a haver um movimento de propaganda deste tipo de investimento como um ato de solidariedade entre gerações como sugere um pequeno artigo num jornal de investimento imobiliário:“Finalement, dans un pays où il y aura bientôt un actif pour quatre inactifs et où le régime de retraite ne suffira plus, le viager n'est-il pas un bon moyen de rétablir la solidarité entre générations?” em *L'Eclaireur Immobilier*, n.4, mai 1997.

²⁰ Nos anúncios analisados por nós, do *Particulier à Particulier*, jornal especializado em locações, a idade proposta por cabeça de *viager*, variava de 75 a 89 anos.

Viager: 220.000 F Raspail: SPECIAL INVESTISSEURS : appartement occupé Loi de 48, une pièce-cuisine-salle de bains, 2ème étage, occupé par dame de 88 ans.²¹

O anúncio acima, apartamento de uma peça com cozinha e banheiro, também confirma as estatísticas do Instituto Nacional de Estatística Francês (INSEE) de que as moradias precárias em Paris estão diminuindo com a morte dos velhos pois esses tendem a não investir na melhoria do seu espaço de moradia, seja por terem habitado a vida inteira sem banheiro e/ou calefação, seja porque a pequena renda de aposentadoria que recebem não permite o investimento nestas melhorias da habitação.

Os velhos são os principais moradores dos apartamentos de uma peça e aqueles que mais sofrem com a falta de comodidade, sendo a faixa etária de mais de 64 anos a que lidera as estatísticas do INSEE. Os mais idosos representam 24,9% dos moradores em apartamentos sem WC ou sem ducha/banheira ou sem aquecimento central²². 71% dos apartamentos sem WC são ocupados há 10 anos ou mais. É, portanto, com o desaparecimento destes moradores idosos que estes apartamentos, imobilizados pela lei de 1948, voltam ao mercado imobiliário e são rapidamente reformados com a introdução de conforto.

Espaço interno - uma etnografia da intimidade

1. Vergonha das panelas

O primeiro relato de moradias precárias em Paris que uma de nós escutou no final da década de 60 foi o de Ema, que vivendo num apartamento sem ducha nem banheira, era obrigada a tomar banho numa imensa tina que instalava diariamente na cozinha. Ema dizia que "tinha vergonha das panelas" numa alusão a seu constrangimento frente ao uso indevido da cozinha, lugar tido hoje como próprio para atividades relativas a alimentação e impróprio para lavar o corpo²³.

²¹ Viager: 220 mil francos. ESPECIAL INVESTIDORES: apartamento ocupado pela lei de 48, uma peça-cozinha-banheiro, segundo andar, ocupado por dama de 88 anos.

²²Cf. Clanché, François "Le confort des logements dessine aussi l'espace social" em *Économie et Statistique*. 288-289, 1995 - 8/9,p.94. A categoria "antiga" é utilizada para habitações contruídas antes de 1949.Cf. Pitrou, Laure et Claude Noel, op. cit.

²³ Observei (MPG) durante muito tempo o mesmo choque frente a esta "poluição" do espaço da cozinha pelos fluidos corporais, quando amigos fazendo turismo em Paris, vinham em casa e observavam surpresos e enojados que a água suja da máquina de lavar roupa instalada na cozinha era evacuada na pia da cozinha, lugar que deveria ter apenas um uso, o da limpeza de alimentos, dado que eu, moradora de Paris há alguns anos nem imaginava ser um ato transgressivo. Efetivamente, no Brasil, há sempre nos apartamentos uma "área de serviço", com um tanque, que é uma pia destinada exclusivamente às águas de limpeza, seja de roupa suja, seja de baldes e panos de limpar a casa. É também esta "área de serviço" que no Brasil se coloca a roupa para secar, solução que observamos ter sido adaptada por imigrantes portugueses no nosso bairro em Paris (13è) que adaptaram

Eva, apesar da precariedade de seu lar, tinha a sorte de morar num apartamento maior que uma *chambre de bonne*. Nestas há, em geral, apenas um lavabo que por isso assume múltiplas utilidades: serve tanto para a toailete pessoal (banhos de toalhinhas, escovar os dentes, lavar o rosto) quanto como auxiliar da cozinha (lavar ingredientes de uma refeição, lavar louça)²⁴. Não raros são os casos em que esse lavabo transforma-se em boxe, pela improvisação de uma ducha em cima da pia, de modo que seja possível se tomar banho ficando-se em pé no mesmo lugar onde se lava a louça – é o que vemos nas imagens do documentário “Chambre de Bonne” na sequência de um banho matinal de uma estudante cujos pés tocam pratos e panelas²⁵.

Uma de nossas principais informantes, Laura, morou durante alguns anos numa *chambre de bonne* sem WC nem chuveiro, no 6o andar de um prédio elegante do 8eme arrondissement. Como muitos dos brasileiros conhecidamente obsceados por banhos, Laura nos contou que ia diariamente na piscina do bairro onde havia um *bain-douche* municipal. Só em dias de muito frio, ela improvisava um “banho francês”²⁶. Felizmente, o seu quarto tinha água quente (além da água fria), dado que até hoje aparece nos anúncios imobiliários como uma grande vantagem.

Na verdade, percebemos diferenças marcantes no modo como brasileiros e franceses representam o banho – o que confirma a idéia de Mauss de sociedades de imersão e de água corrente²⁷. O chuveiro é visto pelos franceses como um estágio primitivo em relação a banheira. A precariedade do chuveiro em Paris é bem ilustrada por Jean Luc Godard num filme já clássico dos anos 60, *Une femme est une femme*, onde a personagem principal, para banhar-se, leva uma tina para debaixo do chuveiro, do qual raramente sai água. A banheira é o lugar do verdadeiro banho, mesmo quando, por falta de espaço, ela não passe de uma

pequenos varais na janela do telhado de suas pequenas moradia. Na maior parte dos depoimentos que escutamos, a roupa dos moradores dos pequenos espaços é lavada e secada nas lavanderias automáticas.

²⁴ Para alguns dos nossos informantes homens, a pia servia também para urinar. O pinico (le pot) muito presente na literatura do século XIX e que desaparece gradativamente nos relatos a respeito dos cuidados corporais do século XX, não foi mencionado por nossos informantes.

²⁵ Cf. “Chambre de Bonne” documentário de Jean Loic Portran, 1980, cor, 13 min. VDP.

²⁶ “Banho francês” é como é conhecido no Brasil o lavar-se com a luva de banho, uma prática considerada exótica na cultura brasileira onde o lavar-se exige a passagem de água pelo corpo, o que só pode acontecer para os brasileiros debaixo de uma ducha. No Brasil, só recentemente com a difusão de sistemas de hidromassagem do tipo Jacuzzi as banheiras voltaram a moda e a serem incluídas nos planos dos apartamentos para a classe média e alta, mas sempre com o dispositivo de um chuveiro que deságua, em geral, sobre a banheira.

²⁷ Mauss, M. “As técnicas Corporais” em *Sociologia e Antropologia*. SP, USP, 1974 (1950) pg. 211 à 233. Um colega antropólogo carioca aprofundou as observações lévi-straussianas (cf Tristes Trópicos) em relação ao banho nas sociedades européias e do “novo mundo”, teorizando no que ele classifica como dois tipos de sociedade: as de “imersão” e as de “escoamento rápido”, articulando os hábitos higiênicos à outras esferas da vida social.*

banheira tamanco com pés de leão (*baignoire sabot com pieds de lion*), ou seja um tipo muito comum de banheira nas quais se toma banho sentado (modelo inexistente no Brasil).

Os brasileiros, pelo contrário, não reclamam da presença da banheira mas a vêem como um objeto do passado. O banho de imersão não é considerado como verdadeiramente higiênico, ele é visto como um prazer ou um luxo. Mário nos conta que quando toma banho de imersão em sua pequena banheira sente necessidade de tomar um outro com banho com o chuveiro imediatamente depois, pois “a água só limpa quando passa pelo corpo”. O banho francês é considerado uma limpeza ineficiente e “coisa de preguiçoso”.

Outra das reclamações dos brasileiros nesse espaço concernem os chuveiros, que na França são pequenos e móveis (conhecidos como chuveiro-telefone), às vezes não tendo sequer um suporte para mantê-los na parede, bem diferentes do grande chuveiro elétrico fixo a que estão habituados no seu país. Os diversos sistemas de transformação do chuveiro-telefone em chuveiro fixo são considerados ineficazes tanto pelos franceses quanto pelos brasileiros, como demonstraram algumas crônicas desesperadas de L.F. Veríssimo durante o tempo em que morou em Paris.

O banheiro é também ressaltado em entrevistas com franceses que visitam o Brasil. A visão dos franceses sobre o banho no Brasil contém o mesmo estranhamento que a nossa em relação aos banhos na França. O principal problema para os franceses é o chuveiro brasileiro que os aterroriza, visto como um risco permanente de choque elétrico pois “os fios são expostos a água”. A presença de um tapetinho de borracha dentro do boxe, très repandu, também não passa despercebida. Alguns têm a sensação do tapetinho ser sujo e o retiram para tomar banho. Outros, vêem no tapetinho a comprovação do perigo de choque elétrico e a sua presença só faz aumentar o medo. Estratégias são pensadas para contornar o problema: Cedrick conta que no Brasil usava uma toalha para evitar o contato com a torneira de metal que liga o chuveiro: - "Mas depois de tomar o banho, estando todo molhado e com a toalha também húmida, ah, aí era um problema. Eu fechava os olhos e me preparava para o choque elétrico".

2. Bain-douches

O caso de Laura que embora morando em Paris intra-muros precisava sair de casa para tomar banho, não é raro na cidade. Encontramos apartamentos sem WC ou salle de bain localizados em lugares tidos como os mais nobres da cidade como a Île de Saint Louis, onde morava uma outra brasileira, Nádia, no qual o prédio ainda tinha pias nos corredores: não como uma decoração pois tinham tido uso até recentemente. De fato, até 1950 apenas 10%

dos apartamentos em Paris possuíam *salle de bain*. Ainda hoje, existem 19 banhos públicos em atividade e a prefeitura (Mairie) continua fazendo reformas para melhorá-los uma vez que eles são considerados necessários para a população de baixa renda da cidade. É nos *bains-douches* que se banham muitos parisienses ainda hoje, numa tradição que remonta ao século XVIII, quando faziam sucesso os *bains-sur-Seine*.

A idéia de ter que sair de casa para tomar um banho é dificilmente aceitável para um brasileiro. Basta lembrar que a Maison du Brésil da Cité Universitaire Internationale, construída nos anos 50 por Le Corbusier e Lúcio Costa é uma das raras moradias onde cada quarto tem seu chuveiro próprio, ainda que o WC seja coletivo e que haja apenas dois por andar. O Brasil nunca contou com banhos públicos. As classes populares, como já sublinhava Gilberto Freire²⁸ passaram diretamente do banho nos riachos ao banho no interior da casa, ainda que às vezes como nas favelas, com baldes que são carregados morro acima caso quando não há água encanada nos barracos.

A ausência total de água na casa é rara na França hoje (apenas 33.000 moradias em todo o país segundo a mesma pesquisa do INSEE) sendo difícil encontrar apartamentos como os mostrados em um documentário²⁹, onde, em 1968 uma família de jovens franceses (pai trabalhador de uma editora, mãe e bebê) faz uma bricolagem ilegal permitindo uma entrada de água puxando um cano clandestino que termina em um balde que depois deve ser descarregado na rua. Porém, ainda encontramos no país mais de um milhão de habitações sem chuveiro nem banheira, ou seja, 5% das moradias principais³⁰ na França continuam não oferecendo outra alternativa aos seus ocupantes do que o banho público. E, mais surpreendente ainda, 1,4 milhões de moradias na França, ou seja, 6% do total de residências, não conta nem com WC nem com ducha ou banheira (cf. quadro abaixo).

²⁸ Freire, Gilberto *Sobrados e Mucambos*, José Olimpio Editora, Rio de Janeiro, 1985 (7a edição)

²⁹ "Sous les toits de Paris", de M. Spinello e J.P. Gallo (1968), documentário preto e branco, 25 min.VDP.

³⁰ Note-se que estes dados dizem respeito às "moradias principais", categoria que inclui apenas as moradias permanentes e não as casas de férias na praia, no campo ou nas montanhas, estas sim, ainda bem mais precárias em termos de "conforto".

NUMERO DE RESIDÊNCIAS PRINCIPAIS DESCONFORTÁVEIS³¹

	Número Total de Residências em 1992	Total de Residênc. Principais (1)	População ⁽²⁾
Sem água quente	647.000	2.9%	2.0%
Sem água	33.000	0.1%	0.1%
Sem toailete no interior da casa	918.000	4.1%	2.9%
Sem toailete no edificio ou propriedade	147.000	0.7%	0.4%
Sem chuveiro ou banheira	1.105.000	5.1%	3.2%
Pia apenas na cozinha	866.000	3.9%	2.6%
Sem aquecimento central ⁽³⁾	4.062.000	18.3%	0.1%
Sem aquecimento	45.000	0.2%	0.1%

Não é por nada que Jean Luc Godard citava o banheiro, espaço corriqueiro, entre os horrores que enumerou na apresentação de um filme seu, há apenas duas décadas - com licença poética na percentagem:

“Apprenez en silence deux ou trois choses que je sais d'elle. Elle, la cruauté du néo-capitalisme (...) Elle, la salle debain que n'ont pas 70% des Français.”³²

3. O “conforto”

Como podemos observar no quadro citado, no último censo realizado em 1992, 4% das moradias na França, ou seja, quase 1 milhão de habitações não dispunham de WC dentro no último censo realizado em 1992 da moradia. Esse número também é alto na capital. Não é à toa, portanto, que o WC seja um dos espaços mais significativos desses apartamentos de uma peça, tendo destaque, como a cozinha, nos anúncios imobiliários.

Nos prédios antigos, que apresentam WCs exteriores aos apartamentos, eles se localizam normalmente ou na escada, numa pequena plataforma de canto entre dois andares, ou no próprio corredor de acesso aos apartamentos. Nossos informantes brasileiros falam muito dos WCs: tanto sobre o desconforto e o nojo de compartilhar o vaso sanitário com vizinhos desconhecidos quanto sobre as estratégias que criaram para superar este choque cultural. Laura conta que trajeto para o WC era penível e pior à noite, pois para ir ao WC que ficava entre dois andares do prédio, tinha que descer alguns degraus e como não havia luz

³¹ (1) Em termos de lares; (2) Em termos de indivíduos; (3) A noção de aquecimento central toma aqui um sentido amplo, referindo-se ao todas as instalações onde um aquecedor único alimenta distribuidores de calor nas peças da habitação ou de várias habitações. Inclui igualmente as instalações de aquecimento elétrico intragradas. Cf. Clanché, François “Le confort des logements dessine aussi l'espace social” em *Économie et Statistique*. 288-289, 1995 - 8/9, p.91-114.

³² “*Deux ou trois choses que je sais d'elle*”(1967), Jean-Luc Godard.

nesse corredor, ia equilibrando uma vela. Janete, resolveu o problema das visitas noturnas ao WC evitando ingerir líquidos após as 18 horas.

Uma das maiores queixas dos usuários dessas toaletes coletivas é a sujeira. Os banheiros precisam ser cuidados pelos próprios moradores pois estes prédios nem sempre dispõem de empregados e, quando existem, eles raramente limpam o último andar. Às vezes, um morador acaba sendo o único voluntário. Essa tarefa tem uma contrapartida: quem limpa o banheiro se sente mais dono desse espaço que os outros, mas pode se sentir usado - como Gabriella, uma jovem italiana que nos disse ser a única a limpá-lo, sendo essa uma das razões por que estava trocando de moradia. Um jovem francês, personagem do documentário *Chambre de Bonne* reclama também: “Sou o único a limpá-lo, os outros deixam merda por tudo. Cheguei a comprar essa escova, me custou 30 francos mas ninguém a usa.”

Muitas vezes ocorre que, com o tempo, WCs vão sendo instalados nos apartamentos e o último a não o ter passa a ser o único a usá-lo.

O sanitário desses WCs coletivos no corredor é geralmente no chão, o chamado WC turco semelhante ao que Hemingway encontrou, nos anos 20, no seu edifício no número 74 da rue du Cardinal Lemoine:

"Os sanitários antigos das velhas casas de apartamentos, um em cada andar, ao lado das escadas, com duas elevações de cimento estrado, em forma de sapato, para evitar que algum locataire escorregasse, davam para fossas que, à noite, eram esvaziadas por meio de uma bomba em carros-tanques puxados por cavalos. No verão, com todas as janelas abertas, podíamos ouvir o ruído da bomba, e o mau cheiro era muito forte. Os carros-tanques eram pintados de marrom e amarelo-açafrão; quando trabalhavam na rue Cardinal Lemoine, ao luar, aqueles cilindros com rodas, puxados por cavalos, traziam-nos à lembrança alguns quadros de Braque."³³

A principal solução existente hoje em Paris para novos WC em antigos edifícios é o sistema *broyeur*³⁴ que permite sua instalação mesmo onde não existem encanamentos adequados. Ele existe no *deux pièces* de Solange, resultado provável da união de dois ou três quartos anteriores, onde, entre as duas peças, foi construído um banheiro que tem WC e banheira e onde o proprietário do imóvel colocou bem visível um anúncio onde se lê e se vê ícones alertando que não se pode jogar ali absorventes, camisinhas, giletes, etc. - o que também não é recomendável em sanitários comuns, mas que no caso dos WC *broyeur* se torna

³³ Hemingway, Ernest *Paris é uma festa*. RJ, Civilização Brasileira, 1991:8. (ed. original em inglês 1964).

³⁴ Literalmente liquidificador, sistema de trituração elétrica dos detritos que permite o escoamento dos dejetos pela canos de esgoto normal (pias, banheiras) impedindo o entupimento.

catastrófico pois em geral ocorre um transbordamento incontrolável do vaso sanitário³⁵. Céline, uma francesa, pagou caro pela distração de uma brasileira que entupiu seu sanitário que foi invadido por detritos.

4. Cozinha-armário

Em todos os apartamentos, mesmo nos de dimensões mais reduzidas como o de Janete, encontramos um espaço reservado à preparação das refeições. Há várias palavras utilizados pelos moradores e anúncios imobiliários para o espaço da cozinha como vimos nos anúncios citados: *kitchenette*, *cuisine équipée*, *cuisinette*, *cuisine Américaine*, *coin -cuisine*. Embora a diferença de nomeação, o referente é em geral o mesmo: um espaço onde estão localizados os equipamentos de preparo das refeições, integrado na peça que constitui o apartamento. Essa “*cuisine américaine*”, paradoxalmente anunciada a partir dos anos 70 como um símbolo de modernidade foi, de fato, uma invenção arquitetônica criada na virada do século para as habitações populares em Paris como salientaram Eleb e Debarre³⁶.

Caso extremo de miniaturização da cozinha é a que denominamos *cozinha armário*³⁷, como a do apartamento de Solange, onde ela foi instalada dentro de um armário embutido que é aberto e fechado quando se trata de preparar alimentos fazendo com que a sala não tenha vestígios de cozinha. Outro tipo é o que chamamos aqui de *cozinha/ducha*³⁸, que integra no mesmo espaço tanto o fogão e a geladeira quanto a pia e chuveiro, situação existente nos apartamentos da estudante brasileira Mariana que vivia há mais de 10 anos em Paris na época de nossa pesquisa e no segundo apartamento de Laura. Outra amiga antropóloga brasileira nos contava de seus espanto ao ver no espaçoso apartamento de um namorado francês (imensa sala, quarto e até um vasto terraço) a convivência harmoniosa de um WC ao lado do fogão, numa cozinha que congregava aparentemente sem nenhuma contradição os equipamentos de higiene corporal e de preparação de alimentos.

Mesmo nesses moradias ínfimas, o espaço da cozinha é demarcado, sempre que possível, por um revestimento no solo em material diferente do resto do quarto (cerâmica, sólo plástico), revelador da separação simbólica desses espaços.

³⁵ Nestes momentos trágicos nossos informantes brasileiros constataram o quanto fazem falta os ralos nos banheiros franceses, uma vez que esta instalação é inexistente lá.

³⁶ “*L’invention de l’habitation moderne - Paris 1880-1914*, Hazan et Archives d’Architecture Moderne, 1995, p 137.

³⁷ Em francês, *cuisine placard*.

³⁸ Em francês, *cuisine douche*.

No que se refere ao fogão, inúmeras soluções acompanham as transformações destes espaços entre os anos 60 e 90. Ainda em 1968, como mostram as cenas do documentário *Chambres de Bonnes*, uma velhinha de 76 anos cozinhava num pequeno fogão à lenha, que servia também de calefação, alimentado com pedaços de madeira de caixas de embalagem que obtinha de graça com os comerciantes do chique bairro onde vivia, o 6ème. Estudantes e imigrantes já tinham, na época, fogões à gaz ocupando uma superfície importante da moradia mas permitindo alimentar a si ou à família. Um modelo muito recorrente de fogão nesta época, e que existe ainda em alguns dos apartamentos visitados, é uma pequena placa elétrica de duas ou três bocas com um pequeno forno separado, geralmente depositado em cima de um armário onde se guarda mantimentos. Quanto à geladeira, ela não fazia parte do mobiliário obrigatório dos anos 60/70, tendo sido introduzida nos anos 80 na forma de um modelo reduzido. Até então, o hábito era de se colocar os alimentos na janela, muitas vezes usando um sistema de sacos plásticos pendurados caso não houvesse parapeito para apoio, ou nos melhores casos, utilizando as câmaras frias instaladas nas construções do século XIX, as *glacières*. Como são poucos os dias de intenso calor em Paris, estes sistemas, utilizados de setembro a maio, apresentam bons resultados de refrigeração. No final dos anos 80, começou a ser instalado nas cozinhas desses apartamentos o “quatro em um”, móvel conhecido também no Brasil composto de pia, armário, fogão e geladeira.

Como já apontamos no item anterior, há apartamentos com apenas uma pia que apresenta, por isso, múltiplas funções. Um outro detalhe recorrente nestes pequenos espaços é a presença de uma espécie de exaustor, um pequeno círculo com uma hélice na janela, que permite a circulação do ar e dos odores sem que seja necessário abrir a janela: ato evitado porque não raro implica no deslocar de móveis e, no inverno, em perda do calor da moradia.

5. Uso do espaço interno – um espaço sonhado

Os apartamentos de uma única peça se caracterizam pela versatilidade do uso do espaço e dos equipamentos e pela efemeridade do arranjo dos móveis. Em geral nestes pequenos apartamentos não há espaço para a permanência e o uso simultâneo de todos os móveis e assim eles são *móveis*, isto é, podem ser deslocados, abertos e fechados dependendo da necessidade do morador. Algumas expressões da língua francesa, como “colocar a mesa”, significavam originalmente o ato de montá-la na peça e não apenas arrumar o serviço de mesa sobre ela. Limite imposto pela precariedade, esse hábito já era ironizado quando de seu surgimento, como atesta um artigo da época:

“C’est alors qu’on vit apparaître ces lits qui étaient en même temps des bibliothèques, ces cheminées qui pouvaient servir d’armoires, ces sièges dont il était loisible de tout espérer, sauf de s’asseoir dessus.”³⁹

Já no início do século, com a construção dos primeiros *studios*, inicia-se um movimento de design arquitetônico que começa a inventar móveis adaptados à estes novos espaços, investindo-os de um status de modernidade. Movimento que continua forte hoje como atestam os catálogos de lojas de móveis baratos, como a sueca IKEA, uma das lojas preferidas pelos jovens estudantes para mobiliar suas moradias.

É no setor dormir/sentar dos *studios* que o espaço precisa, na maior parte das vezes, ser versátil. Duas são as principais soluções para a questão: a primeira é a instalação de um mezanino/loggia que libera dois a três metros quadrados no solo, espaço precioso para a instalação de uma pequena mesa com cadeiras ou mesmo um sofá-cama, útil quando há visitas de amigos e parentes de passagem - situação bastante comum para estudantes estrangeiros morando em Paris.

A segunda é a utilização de um sofá/cama⁴⁰, que deve ser aberto toda a noite para dormir e remontado no dia seguinte de manhã para que possa haver um espaço mínimo de circulação interna. Este pode ser duplo, para um casal - e nesse caso é mantido fechado durante o dia e é transformado em cama a noite, não sem incômodo para o morador que é obrigado a guardar lençóis e cobertas para que o sofá possa cumprir suas funções diurnas. Muitas vezes como é o caso da italiana Gabriella e do escultor húngaro Sandor que mora em 10m², para abrir o canapé é necessário deslocar vários móveis. A cama propriamente dita é rara nesses apartamentos - é mais comum o uso do colchão colocado diretamente sobre o chão ou o de um sofá servindo como cama - e outras múltiplas funções. Ela é o lugar onde se dorme a noite, é lugar de trabalho - ali se lê, se escreve - é lugar de refeições especialmente quando se está só e é também o lugar de receber as visitas. A cama é também o lugar mais protegido do frio quando a calefação é elétrica - o que significa uma alta gasto em dias de frio - e os moradores procuram economizar energia se protegendo sob as cobertas.

Em apartamentos de menos de 12 m², dificilmente é possível a presença de uma cama e de um sofá, a menos que haja um mezanino, como no apartamento de Mariana. Nos apartamentos um pouco maiores já podemos encontrar uma distribuição de funções entre o sofá e a cama. Nesse caso, o morador tem a tendência de deixar lençóis e cobertas sobre a

³⁹ Comentários de Robert Burnand citados por Monique Eleb et Anne Debarre, op citada, p 189.

⁴⁰ Nos séculos XVIII, existiam mais de 30 palavras para designar a cama, tamanha a sua variedade de formas e funções. A cama mais recorrente na época tinha cortinas (72,5%) sendo também comum as camas com altos e baixos piliers (63%). Não encontramos na nossa pesquisa nenhuma cama com cortina ou colunas.

cama durante o dia, apenas cobrindo-os com uma colcha. No entanto, como ambos compartilham a mesma peça, a cama pode assumir de novo as funções de sofá em caso de visitas. Foi o caso de Carol que morava em 21m².

“No início, eu só tinha o sofá do IKEA. Era chato, tinha que fazer a cama todas as noites. Depois, ganhei o colchão. Ele me dava a ilusão de duas peças: o colchão era o quarto, o sofá era a sala. A gente acaba se acostumando. No Brasil eu morava em uma casa de 200m², em Paris cada móvel era uma peça. Quando ia para a mesinha de comer imagina que estava indo para a cozinha, quando ia para a mesa de trabalho era como se fosse para minha biblioteca.”

Na ausência de divisões, os móveis criam paredes invisíveis, dividem o apartamento, multiplicam o seu tamanho percebido; o espaço é antes de tudo espaço sonhado⁴¹.

A mesa também é versátil, ora espaço de trabalho intelectual, ora espaço das refeições. Quando única, essa mesa é em geral grande, cerca de 60cm² no mínimo e de altura normal, 70cm do chão. Mas é raro que haja só uma mesa no apartamento, em geral existe outra menor e mais baixa, que serve no cotidiano para sustentar uma TV ou um rádio e em momentos de sociabilidade ou de refeição do morador, como lugar onde se coloca o prato de comida. A mesa maior é destinada a ser mesa de trabalho. Em casos onde o apartamento não comporte duas mesas, como no caso de Gabriella (12m²), podemos encontra-la sobre tripés, que são fechados todas as noites para que a cama possa ser feita. Mas a maior parte de nossos informantes acaba tendo uma mesa fixa para o trabalho, garantindo um pequeno canto para a alimentação ou mesmo em alguns casos fazendo as refeições no chão ou sentado no sofá (*sur le pouce*) para não precisar deslocar seu material de estudo.

Esses apartamentos contam geralmente com um pequeno armário para roupas e estantes para livros (que vão aumentando com o tempo de residência). A louça e os mantimentos podem também ter um armário próprio, próximo ao canto/cozinha, sendo o espaço embaixo da pia da cozinha utilizado também para esse fim. Uma das maiores queixas de nossos informantes refere-se a estocagem de alimentos que se torna impossível quando se tem pouco espaço, por isto os armários embutidos são muito valorizados. Janete (7m²) constata a mistura sob a pia do que era guardado separadamente no Brasil: talheres ao lado de produtos de limpeza, louça com mantimentos. De fato, armários que servem a múltiplas funções são frequentes. É o caso dos baús e das *cantines* que além de servirem como depósito são úteis enquanto mesa-baixa podendo também serem utilizadas como mini-sofás e servem finalmente de mala quando do retorno ao Brasil. Em alguns destes apartamentos são criados

⁴¹Bachelard, G. *La poétique de l'espace*. Paris, PUF, 1984 (1957).

pequenos armários debaixo das dobras do telhado⁴², sobre a cabeceira da cama, sobre portas. Essa busca obsessiva de lugar para prateleira acaba dando a casa como um todo o ar de um armário embutido.

- Espaço externo

1. A vista

Para nossos informantes, o território destes apartamentos extrapola o espaço interno, se estendendo para o corredor, às escadas e, sobretudo à paisagem exterior. De fato, a própria cidade e seus espaços públicos são reapropriados pelos moradores para completarem ou aumentarem o seu espaço doméstico.

Muitas são as categorias utilizadas nos anúncios para designar as vantagens de morar sob os telhados de Paris: *chambre mansardée; clair; ensoleillé; vue dégagée; sans vis à vis..* Os anúncios imobiliários proclamam a claridade ou a vista como uma das vantagens deste tipo de moradia, evidenciando ser comum a escassez de luz, mesmo entre os localizados no 6o andar pois possuam apenas clarabóias. Há também referências sobre a exposição solar, destacando-se a localização sul (*exposé sud, plein sud*) que é a mais ensolarada no hemisfério norte ou a existência de janelas para os dois lados (*double exposition*). Efetivamente, quando, além de se morar num micro-espaço, a luz é escassa, a situação beira a tragédia. A falta de luz engendra estratégias imaginativas e sociabilidades inesperadas, como a do personagem central de Mary McCarthy no romance “Oiseaux d'Amérique” que habitando um pequeno apartamento escuro em Paris, passeava a sua planta para lhe proporcionar um pouco mais de luz. Seu herói excêntrico foi, de fato, inspirado no filho de um de seus amigos norte-americanos, estudante da Sorbonne nos anos 60, como ela mesma revela em sua correspondência a Hanna Arendt⁴³.

Além da claridade, a vista de um monumento da cidade aparece destacada no seguinte anúncio que fala da vista para a Torre Eiffel:

Studio confort Séjour, cuisine. 6e et dernier étage. Vue sur Tour Eiffel.

⁴² Como podemos ver em cenas de filmes sobre *chambres de bonne* onde as moradoras se referiam brincando a estes pequenos armários como “caves”, uma porque nele guardava bebidas e outra porque neles guardava a madeira com a qual acendiam seu fogão à lenha

⁴³ "Détail charmant à propos de Jonathan : il avait une plante dans sa chambre, laquelle donnait sur une cour sombre, et il emportait la plante en promenade pour lui donner de la lumière." (Arendt, Hannah e Mary McCarthy Correspondance 1949-1975. Paris, Stock, 1996).

Torre Eiffel, Panthéon, Notre-Dame são assim como que incorporados ao apartamento por uma retórica que não tendo o que destacar apela para a redundância (“último andar”) e para associações conotadas positivamente (“vista para Torre Eiffel”). O discurso dos próprios moradores ressaltam a vista proclamada pelos anúncios, como contraponto às agruras de ter de subir seis lances de escada. “Tenho a impressão que meu quarto é um barco e que eu navego sobre os telhados de Paris” ou “Tenho uma bela vista e a ilusão de ser livre” dizem os moradores do 6o andar no documentário *Sous les toits de Paris*. O compositor Erik Satie a apontava como a grande vantagem de seu placard de 6m2 voltado para o Norte, e dizia brincando “Minha vista se estende até a fronteira da Bélgica”. A vista também é destacada por Janete (7m2) ao confessar que a janela lhe proporcionava um pouco de lazer quando ainda não tinha televisão, pela observação do cotidiano de seus vizinhos.

Para os apartamentos térreos (antigas loges de *concierge*) os anúncios arrolam qualidades da vista de um pátio privativo (*cour privée*), do jardim interno do prédio (*vue sur jardin privatif*) ou de um jardim com árvores (*sur jardin arboré*); áreas verdes que fazem os parisiense sonharem com a *campagne*, espaço mítico para os franceses. Para outros, menos afortunados, fala-se somente de vista do pátio (*sur cour*) ou da rua (*sur rue*).

2. Corredores e telhados

O espírito comunitário se manifesta às vezes em situações em que o espaço é minúsculo. Há depoimentos de vizinhos que se emprestam utensílios domésticos e ingredientes de cozinha através de portas ou janelas e muitas vezes improvisam verdadeiros jantares nos pequenos corredores entre suas moradias. A apropriação de um espaço do condomínio, como o corredor, por um ou mais moradores é frequente. Laura nos contou como o corredor de acesso ao seu apartamento foi incorporado ao apartamento num verão de calor insuportável, quando ela e o vizinho perceberam que, se deixassem suas respectivas portas e janelas abertas, conseguiam formar uma corrente de ar que os refrescava. Com o tempo, Laura e o vizinho foram se acostumando com essa nova situação de viver com as portas abertas e já não as fechavam nem para dormir. "Acabamos ficando amigos, de manhã quando ele descia já levava o meu saco de lixo para baixo", conta ela agora de volta à seu status de professora universitária no Brasil.

Ao contrário, Janete, moradora do 6ème, relata uma experiência dolorosa: não conseguia dormir nas primeiras noites no seu *kinder-ovo* pois tinha a sensação de ter alguém ao lado da cama cada vez que um vizinho circulava pelo corredor. “Não há privacidade, ouve-se tudo”. A promiscuidade gerada pela transmissão do som aparece em inúmeros relatos como

um dos grandes problemas: “Meu vizinho e a namorada...céus, eu ouvia tudo” nos confessava Andreia moradora de 10m² no 14^{ème}; “Me sinto como um animal em uma jaula sob o domínio do bastão do treinador – cada vez que me movo, o vizinho do andar de baixo bate no teto reclamando” (Kerry, norte-americana, 20m², 18^{ème}).

O calor é também omnipresente na memória dos moradores desses apartamentos do 6o andar, onde muitas vezes o telhado é de zinco oferecendo pouca proteção contra o exterior e o telhado muito baixo, concentrando o calor. Maria (18m², 13^{ème}) conta que não era suficiente o ventilador ligado noite e dia. Para aguentar o calor, além de passar a tarde numa das raras bibliotecas com ar condicionado de Paris, ela ia três vezes por dia banhar-se na piscina pública ao lado de sua casa e passava o resto do tempo numa praça onde lia jornal, fazia picnics e deitava-se para descansar na grama. Poucos são os dias de calor intenso em Paris mas inevitavelmente os moradores da cidade que não fogem para a praia no verão se defrontam com temperaturas próximas dos 40 graus centígrados, numa cidade sem infraestrutura para altas temperaturas. Um casal de estudantes brasileiros conta que as noites de calor eram passadas sonambulamente numa caminhada entre cama e o banheiro. Deitavam na banheira deixada cheia de água e voltavam para cama ainda molhados para suportar o calor sob o telhado. Numa noite de maior cansaço um deles acabou dormindo dentro da banheira.

Uma de nós presenciou uma cena de evitação do calor na Rue des Chantiers (ao lado do Museu do Mundo Árabe). Num dia muito quente de agosto, quando o sol batia impiedosamente nos edifícios, uma senhora refrescava sua moradia jogando água sobre o telhado externo de zinco, através de uma pequena lucarna, uma tarefa das mais arriscadas. Para suportar o verão nestes apartamentos, não basta banhar o corpo, é preciso banhar a própria casa.

3. Elevador e escadas

Além do corredor, também a escada e o elevador são vistos como prolongamento do apartamento, como se pode constatar num anúncio de poucas linhas que louva espaços situados fora do imóvel em questão:

1 piece 7e 180 000F - Investisseurs! Enfin une chambre de service proche du lycee Victor Duruy. La qualite de la cage d'escalier et de l'ascenseur satisfieront pleinement les futurs locataires.

No anúncio acima não havendo nenhuma qualidade a ressaltar, elogia-se a proximidade de uma escola preparatória para os exames de alto nível em filosofia, o

hypokagne, la cage d'escalier e l'ascenseur! Compreensível quando se analisa o cálculo, citado por Bertrand, segundo o qual o morador do sexto andar sobe anualmente 14.455 metros percorrendo o equivalente à 29 quilómetros horizontais com apenas duas escadas cotidianas.

É bem verdade que nem sempre as escadas são espaçosas, sobretudo em prédios de alguns bairros como no Halles ou no Quartier Latin onde as escadas vão diminuindo de largura a cada andar. Céline que mora no 5o andar de um prédio do século XVIII, só consegue fazer uma mudança pela janela pois o vão da escada não permite a passagem de móveis. Isso só não é problema grave em Paris pois as empresas especializadas em mudanças contam com elevadores especiais semelhantes a escadas de bombeiros que permitem a transferência de móveis pelo exterior dos prédios. Nas plantas baixas que acompanham os anúncios é comum que o desenho inclua o corredor, as escadas e, eventualmente, o elevador.

A luz e a vista sobre a cidade que os apartamentos desvalorizados do térreo estão privados poderia ser compensada pela facilidade de acesso à esses apartamentos, porém acessibilidade aparece como item menos valorizado do que os dois primeiros.

O elevador, à partir de 1904, atenuou a hierarquia vertical dos apartamentos que desvalorizava os apartamentos dos andares superiores e, em alguns casos, inverteu-a. Mas a instalação do elevador só se torna possível em prédios imponentes, onde havia uma grande escada, o elevador passando a ocupar o vão dessa escada. É importante lembrar que muitas vezes encontramos duas escadas diferentes num prédio, uma para a entrada do prédio da frente (*coté rue*), outra para a entrada do prédio dos fundos (*coté cour*), esta sendo menos valorizada que a primeira.

Quando os primeiros elevadores foram instalados nos prédios, eles quase nunca subiam até o 6o andar, parando no 5o, o último andar destinado à moradores burgueses. Por isto, hoje quando são anunciados elevadores para os apartamentos do 6o andar subentende-se que há apenas um andar à subir pelas escadas, do 5o ao 6o andar, como no caso dos apartamentos de Denise (6è) e de Sofia (13è) ambos constituídos pelo reagrupamento de algumas chambres de bonne e elevados à categoria de *deux pièces*.

Mais grave ainda é que em alguns casos o elevador é privilégio guardado a chaves e não acessível a todos os moradores. Stéphanie (15ème) nos conta o drama do elevador no seu prédio:

"Eu morava no quinto andar, havia um elevador mas os moradores dos apartamentos do alto não tinham direito a usa-lo. Tentei por todos os meios obter a chave do elevador. Estava disposta a pagar os encargos que houvessem mas não tinha jeito. Finalmente, um dia a zeladora me emprestou a chave para que eu tirasse uma cópia as escondidas suplicando para que eu não contasse a ninguém. Fiquei contente e usava o

elevador com frequência, porém, um dia, o cara que se achava proprietário do elevador me surpreendeu dentro e me perguntou, furioso, como eu tinha a chave - ao que respondi na hora, sem me dar conta, que eu tinha encontrado no chão do edifício."

No início do seu uso em Paris, o elevador era considerado um equipamento perigoso e de difícil manipulação. Historiadores relatam casos onde só a *concierge* tinha a chave para acionar a subida do elevador, fazendo com que todos devessem passar por sua intermediação para poder subir à algum apartamento do prédio. Hoje, a tecnologia discriminatória é mais sofisticada. No prédio de Julie, jovem filósofa francesa que mora em 9m2, o elevador tem a particularidade de servir apenas à aqueles que conhecem o código secreto. Moradora do 6o andar, ela só conseguiu o código após vários conflitos com a proprietária de sua *chambre de bonne*. O elevador continua sendo considerado um aparelho perigoso até hoje na França, havendo muitos prédios que proíbem crianças de menos de 12 anos de andarem sozinhas nos elevadores⁴⁴.

Sua presença discriminatória no prédio, que exclui alguns moradores – curiosamente os que dele mais necessitariam – serve como mecanismo de hierarquização. Uma hierarquia vertical, entre os andares, prevalece assim sobre a hierarquia horizontal, que predomina em outras grandes cidades.⁴⁵ Pois ainda que existam bairros tidos como “de ricos” (o 16ème, por exemplo) e bairros ditos de “pobres” (o 18ème, o 20ème, por exemplo) vamos encontrar as diferentes classes sociais em todos eles, vizinhando porém distinguindo-se. É importante frisar que são os arredores de Paris, a *banlieu*, que se dividem em bairros para ricos e bairros para pobres, formando guetos étnicos e econômicos que mantêm zonas inteiras a margem da cidade legítima.

4. As *concierges*

Depoimentos de moradores do 6o andar apontam para o fato das *concierges*, guardiãs e almas vivas desses prédios, os colocarem diariamente na condição de sub-moradores. “A gente é como um ninguém, cortado do mundo por causa da altura (...) e a *concierge* é a polícia que nos controla, que fala mal de nosso barulho que parece incomodar os verdadeiros

⁴⁴ Também no Brasil, a presença de acensoristas ainda hoje em prédios comerciais parece confirmar isso.

⁴⁵ Por hierarquia horizontal entendemos a que se estabelece entre diferentes bairros de uma cidade. Ela não é de modo algum fixa mas historicamente determinada; assim, um bairro pobre pode passar a ser habitado por moradores de uma classe social mais elevada, no chamado processo de gentrificação, recorrente ainda hoje em cidades como New York ou London. Cf. Smith, Neil *The New urban Frontier - gentrification and the revanchist city* London, Routledge, 1996. Entre os autores que estudaram esta população excluída pensamos nos trabalhos de Colette Petonnet e a equipe de Gerard Althabe.

locatários, os que moram nos andares abaixo do nosso” diz uma das moradoras em *Sous les toits de Paris*. Se hoje elas já não passam a chave a noite para os locatários, como nas caricaturas de Honoré Daumier, ainda assim mantém muitas de suas prerrogativas de controle. Em um dos prédios que visitamos havia um espelho que refletia para a lodge onde se instalava a concierge tudo o que seus próprios olhos não poderiam ver. Como diz Carol (21m2, 5ème): “Como um panóptico na vida privada, ela sabe a hora em que desço para comprar pão, quando busco a correspondência, quem são meus correspondentes (pois são elas quem distribuem nas caixas correspondentes), quando saio e com quem; enfim, nenhum anonimato é possível”. Janette (6m2) relata que recebeu uma admoestação por escrito da concierge por não ter ido se apresentar a ela na primeira semana em que estava no prédio.

Elas sabem que detém poder – muito mais do os guardiões de chapéu da Park Avenue em New York ou dos sub-servientes zeladores cariocas em camisas sociais brancas, que estão lá, abrem a porta, mas pouco interferem na vida dos moradores. As *concierges* não vestem uniforme, são como os outros moradores, aliás muitas moram no prédio. Sofrem com eles os mesmos problemas de calefação ou de corte de água e eletricidade e tecem com eles amizades e inimizades. Sua solidariedade, porém, não se dirige aos locatários e sim aos proprietários ausentes. Qualquer ameaça ao prédio é vista como uma ameaça a elas mesmas.

A concierge, ou *gardienne* na sua versão mais atualizada, às vezes é citada nos textos dos anúncios imobiliários, para assegurar que se trata de um bom prédio: “o imóvel dispõem de empregados!” Sua presença é comparável ao do elevador - como num anúncio que oferece *gardienne et ascenseur*. Um dos agentes imobiliários fez questão de nos apresentar a *concierge* pois ela também era latino-americana, imaginando talvez que esta “identidade” pudesse contar positivamente para nós.

A segurança, fantasma que assola os moradores de todos os grandes centros urbanos, também está presente em Paris. Permanecem as *concierges* embora seu significado tenha sofrido transformação. Se antigamente elas asseguravam um status e por isso eram obrigatórias nos prédios burgueses, hoje evocam também uma garantia contra eventuais ladrões. Nesse sentido, as *concierges* aproximaram-se de outros dispositivos cada vez mais frequentes em Paris, e anunciados como vantagens do prédio, como as portas blindadas nos apartamentos e os digicodes nos prédios.

5. Parques, cafés e livrarias

Depois do que dissemos sobre as condições precárias de algumas moradias em Paris – e para não induzirmos o leitor a pensar que são masoquistas os seus moradores -, algumas respostas se impõem. Porque os parisienses aceitam viver sob essas condições? Como entender que um tal espaço seja atrativo para os estrangeiros ou para franceses provenientes do interior? A resposta parece residir nos espaços para além das paredes dos apartamentos que descrevemos; está na cidade de Paris e tudo que oferece a moradores e visitantes.

Mencionamos os banhos públicos como uma extensão comum para muitos desses apartamentos. E também apontamos a vista da cidade como uma parte importante do apartamento: os telhados de ardósia preta e cinza ou de zinco, com suas chaminés de barro compõem, para os nossos informantes, “uma bela vista” – embora raros dentre os que visitamos, de fato, proporcionam uma vista. “Banhos públicos” e “vista”, no entanto, não são os únicos espaços exteriores que interessam aos parisienses dos pequenos espaços e aos habitantes de modo geral.

Como sabemos, a concepção mesma da cidade moderna se efetivou em torno do papel predominante do espaço público – e Paris não é exceção. Zola em seu livro *Le ventre de Paris* já enfatizava a enorme importância das ruas, praças, mercados, fontes, bares para os parisienses pobres escaparem dos seus *pardieiros*. No início do século, as descrições de Baudelaire, Simmel e Benjamin, seus *flaneurs* e *blazes*, nos fazem entender o lado espetáculo de uma grande metrópole, o encantamento presente no fato de se apenas vagar anonimamente nas avenidas ou assistir o andar alheio a partir de uma varanda de um café. Nesse momento, as vitrines dos recém abertos grandes magazines e o contato direto com os objetos exibidos (quase erótico, como descreve Balzac) também passam a constituírem prazeres sensuais no mundo desses moradores.

Hoje o espetáculo parisiense tem outros protagonistas e outra velocidade porém não perdeu em charme. Se muitas cidades poderiam ser apontadas como centros econômicos mundiais tal como propõe Hannerz, Paris o pode também como centro cultural “enquanto lugar de onde uma grande variedade de idéias e formas culturais podem se disseminar”⁴⁶. Sabemos que Paris é a cidade que mais recebe turistas no mundo, em torno de 50 milhões anuais; no entanto, nos interessa aqui menos o fato de ser a cidade mais visitada no mundo, dado que por si só comprovaria seu poder de atração, e mais o que é efetivamente usufruído pelos seus habitantes permanentes.

⁴⁶ Hannerz, Ulf “The cultural role of world cities” em Cohen, A, e Fukui, Katsuyoshi *Humanising the City?* Edinburgh, Edinburgh university Press, 1993.

Para os seus moradores, hoje como ontem as ruas de Paris mantêm seu charme - e continuam sendo vistas como uma extensão das casas. A cidade é admirada como imenso museus ao ar-livre no qual praticamente todas as ruas, praças, jardins já foram reproduzidas em pinturas, fotografias, cinema ou vídeo. Para além de considerações estéticas sobre o a arquitetura parisiense, devemos reconhecer que o espaço público da cidade demonstra sua generosidade de muitas formas, algumas delas longe do que normalmente se esperaria de uma grande cidade. Oferece praças onde as crianças podem brincar em caixas de areia e com uma variedade de equipamentos públicos; mesas de ping-pong de cimento freqüentadas predominantemente por jovens e espaços livres onde preferencialmente homens aposentados passam horas jogando *pétanque*. Oferece espaços onde os parisienses lêem jornais ou um livro em dias de sol. Oferece enormes parques nos seus extremos, o Bosque de Vincennes e o Bosque de Boulogne, e também diversos parques com grandes extensões de áreas verdes⁴⁷. E ainda mais extensa a de praças, as chamadas *squares*. Lá os parisienses passam tempo em contato com a natureza, fazem picnics, andam de bicicleta, jogam volley, bat-mits ou apenas caminham e lêem; lá eles passeiam cachorros, alimentam pombos e gatos públicos - como a velha senhora que observamos repetidas vezes no parque do Trocadero, em frente ao Museu do cinema, com uma panela cheia de restos para os “seus” gatos que depois de alimentos, eram acolhidos e recebiam carícias sentados sobre um paninho branco que ela cuidadosamente mantinha sobre o colo para evitar sujar um casaco de peles já bem gasto.

Paris oferece as margens do Sena para banhos de sol e picnics mas também para performances e aulas de jiu-jitsu, capoeira, tai-shi e danças; oferece lugares arranjados para longas caminhadas, como a calçada ao longo do canal de Saint Martin; e até os cemitérios (Montmartre, Montparnasse, Passy e Père-Lachaise) são freqüentemente usados como parques tal como nos descreveram a antropóloga Colette Petonnet (1987). As fontes (como a de Trocadero e des Innocents) servem como piscinas ao ar-livre para jovens turistas nos dias mais quentes de agosto, e o gramado dos parques (como Champs de Mars, Parc de Montsouris, etc) são transformados em salas de visita onde grupos de amigos conversam em dias de clima ameno. Sem mencionar o calçadão inclinado em frente ao Centro Cultural Georges Pompidou, o *Beaubourg*, chamada de “praia” pelos turistas e parisienses que chegam a deitar em suas lajotas para se beneficiarem dos raios de sol enquanto assistem um espetáculo

⁴⁷ Como o Parque de Choisy, de Bercy, Kellermann, Monceau, de la Butte-du-Chapeau-Rouge, de Belleville, de Montsouris, André-Citroën, Buttes-Chaumont, Georges-Brassens. A lista dos jardins é extensa: Jardin de Luxembourg, Jardin de Plantes, Jardin Saint-Vincent, Jardin de Fleur, Jardin des Halles, Jardin du Marais (Léopold-Achille, Saint-Gilles-Grand-Veneur), Moulin de la-Pointe, Jardin de Invalides, du Trocadéro, de la Zac Dorian, de Reuilly, Atlantique, de Ranelagh, Orphelins-Apprentis d'Auteuil, de l'Arsenal, des Blancs-Manteaux, de l'Intendant, du Marais, du Pré-aux-Chevaux, Saint-Vincent, Sarah-Bernardt, de Auteuil, Thomire

de mímica, teatro ou circo.

As ruas tem se tornado cada vez mais espaços usados para o esporte – com grupos de rollers, de bicicleta, de patinetes – mas caminhar por Paris tornou-se uma atividade prazerosa bem antes da cultura do corpo do fim do século. Martine Segalant (1997), em sua interessante etnografia dos praticantes de cooper na cidade, nos mostra o quanto esta atividade cria uma sociabilidade silenciosa entre pessoas que se conhecem dos trajetos de corrida. Paris possui mais de 100 quilômetros de ciclos-vias e continua expandindo-as pois bicicletas e hoje rollers são meios comuns de transporte. Desde 1996, na primeira sexta a noite de cada mês, quase dois mil praticantes de roller reúnem-se em frente do Centro Comercial Galaxy na Place d'Italie para uma volta em grupo pela cidade, sob a proteção de carros de polícia. E todos os fins-de-semana, as avenidas que margeiam o Sena são fechadas para os automóveis e tomadas pelos amadores destes esportes. O solo de mármore do Trocadero assim como o da Bastille são também pontos privilegiados para praticantes de skaters e rollers. No verão, concertos musicais são apresentados nos parques; um cinema ao ar-livre funciona em La Villete a noite gratuitamente e, as vezes, sessões de cinema são apresentadas nos bairros – tudo gratuitamente.

Além disso, existem os espaços públicos interiores. Durante o inverno, um extenso número de lugares - Centro Georges Pompidou, Les Halles e diversos shoppings ou grandes magazines (Gallerie Lafayette, Samaritaine, BHV, etc.) funcionam como bulevares e praças. A praça da Agora no interior do Les Halles é usada como ponto de encontro de jovens e adolescentes que ali permanecem por horas, à vezes acompanhados de cães ou dançando hip-hop. Do mesmo modo no Beaubourg hall, que atrai pessoas mais velhas. Espaços normalmente usados para a circulação transformam-se em pontos de encontro em datas especiais durante o ano, como é o caso de certas estações de metro onde são instalados postos de televisão durante o torneio de tênis de Roland Garros e o foi durante a Copa do Mundo disputada na França. O metrô, aliás, serve como palco para músicos e como mercado para os vendedores de frutas, óculos ou de artesanato. Desde 1975, a carte orange é um estímulo para pessoas mais velhas tomarem o ônibus apenas pelo passeio.

Inúmeras bibliotecas também são lugares para se estar durante o dia; cada bairro possui uma biblioteca pública de fácil acesso que além de livros oferecem os jornais do dia, uma variedade de revistas e em alguns casos setor de multimídia. São visitadas por estudantes, é claro, mas também por outros habitantes do bairro, em busca de leitura ou apenas do calor do espaço no inverno, onde muitas vezes todos os lugares são tomados e é preciso sentar no chão por uma consulta mais prolongada. A popularidade dessas 62

bibliotecas pode ser medida pela extensão da fila da do Beaubourg, uma das maiores e mais centrais. Alguns as visitam em horários precisos para ler o jornal ou as revistas, É possível circular entre estas bibliotecas uma vez que o cartão de uma dessas bibliotecas parisienses concede livre acesso a todas as outras, que tem os acervos ligados em rede por computador. Quem quer ler, pode recorrer a outros espaços, como o das livrarias e grandes magazines que vendem livros. É bem comum encontrarmos, como no setor de histórias em quadrinhos da FNAC dezenas de leitores sentados no chão lendo suas histórias favoritas ou, como na imensa loja Virgin, ouvindo CDs.

Além desses espaços públicos gratuitos, há os que cobram entrada: museus, teatros, galerias de arte e mais de 300 cinemas. Um casal de amigos que mora com as duas filhas em 28m² no 14ème nos conta que: "Nós costumávamos ir ao cinema com a Anne, tinha só dois anos mas eles deixavam entrar. Era um modo de escapar da casa".

O mais famoso dos espaços fechados parisienses, no entanto, são os cafés (Langle,1990), esses mais do que nenhum espaço funcionando como uma extensão dos seus apartamentos. São usados para se encontrar amigos, para se ficar trabalhando ou simplesmente para ver a vida passar. A literatura é plena de escritores que usaram cafés como suas segundas casas (Hemingway, Verlaine, Benjamin, Sartre, Beauvoir e a lista prossegue), passando ali a maior parte do dia ou da noite. Hoje, muitos cafés mantêm ainda hoje essa função (Dumazier, 1962:197-249). Por exemplo, no segundo andar de alguns cafés como o Deux Magots ou o Le Cluny encontramos uma sala com poltronas confortáveis onde escritores e intelectuais passam o seu tempo. Na ausência de salas para os professores na Sorbonne, muitos mestres não raramente convidam os estudantes para orientações em um dos cafés da Praça da Sorbonne ou ao café Balthar que também oferecem salas com cadeiras confortáveis. Outros, simplesmente aproveitam os cafés para economizar o aquecimento das casas.

Claro, toda essa generosidade dos cafés de um preço. E o preço, usualmente alto, varia para o mesmo *expresso* de acordo com um suposto valor-espaço: um café no balcão pode custar metade do preço de um café na mesa que ainda assim pode ser metade do preço de tomá-lo na vitrine (varanda) ou nas mesas situados no exterior. Ao invés de cobrar pelo tempo, os cafés cobram pelo espaço, estabelecendo uma escala não-arbitrária de preços⁴⁸.

⁴⁸ Para os nossos informantes brasileiros, os bares, chamados de "barzinho" (classes médias e altas) ou "botequim" (classes populares), são parte de suas vidas mas de modo algum aparecem relacionados com o trabalho. Um bar brasileiro aproxima-se mais de um pub inglês do que de um café francês; lá espera-se que se converse e tome-se bebidas alcoólicas, preferencialmente cerveja. Ainda que alguns escritores e jornalistas achem inspiração nesses espaços, não é lá que produzem suas obras, exceto talvez alguns músicos (por exemplo, o

As minúsculas cozinhas destes pequenos apartamentos têm também uma extensão: os restaurantes universitários ou, para os que têm a sorte de estar ligados a algum laboratório de pesquisa do CNRS, as "cantinas". Silvio, um colega professor de São Paulo, contou-nos. "Minha vida mudou completamente depois que descobri a cantina da MSH⁴⁹, eu me tornei mais alegre". Nesse caso, não se trata apenas da qualidade da comida, trata-se também de não comer sozinho, pois embora raramente converse com o vizinho na mesa, a companhia lhe faz bem.

Conclusão

O que nos evocam os pequenos apartamentos de Paris? Em primeiro lugar, o efêmero, o circunstancial, o sacrificial. São espaços de moradia, portanto, deveriam ser espaços onde se está, onde se permanece. Mas, para os seus habitantes, estar ali é um fase transitória na vida, uma passagem. Ninguém se vê enquanto morador desses pequenos apartamentos por toda a vida. Se está ali por algum tempo - o tempo do sacrifício imposto pela condição de aprendiz social, daquele que não está ainda plenamente integrado na sociedade, o estudante; o tempo do sacrifício imposto por esta *première location*, que serve para juntar fundos para ir para outro lugar, aí sim, a casa, o lar.

Essa não integração simbólica do morador ao espaço dos pequenos apartamentos nos leva a segunda imagem que esses espaços evocam: a de exclusão. Uma exclusão que, nos bairros centrais de Paris, não se faz de modo horizontal e sim verticalmente, pela hierarquia entre andares. O que é inédito em Paris, portanto, não é tanto a existência de moradias precárias do ponto de vista dos equipamentos oferecidos ou do seu tamanho. Isso existe em qualquer grande cidade do mundo e ainda mais nas últimas décadas com o crescimento de uma população dita do quarto mundo. O inédito é que em Paris existe uma mistura espacial de moradias ricas e pobres, sem que isto se configure concretamente em exclusão social, numa tradição que remonta a monarquia e que pode ser bem sintetizada no conselho de François Miron à Henri IV:

"Il ne faut que dans Paris, les dodus soient d'un côté et les menus de l'autre, dans l'intêt du Roi, notre cher Sire, et de notre bonne ville, il les vaut mieux mélanger".⁵⁰

classico de Tom Jobim, "Garota de Ipanema", parece Ter sido composto em um bar assim como inúmeras canções de Lupicínio, Vinícius, entre outros). Poucos dos nossos informantes brasileiros usavam o café em Paris como local de trabalho, preferindo as bibliotecas como extensões de seus escritórios.

⁴⁹ Maison de Science de l'Homme

⁵⁰ Bertrand, Jean Michel *Architecture de l'habitat urbain - la maison, le quartier, la ville*. Paris, Dunod, 1980:145.

A mistura social dos moradores, consequência da mistura dos tipos de residência, era aconselhada como um meio humanitário de contribuir à paz social através do entendimento entre vizinhos. O resultado, no entanto, é que no lugar de uma hierarquia horizontal, em Paris a tradição fez com que prevalecesse uma hierarquia vertical, no próprio edifício.

Habitar uma *chambre de bonne*, uma *loge de concierge*, um quarto que se quer *studio* é, como nos tempos das “*bonnes à tout faire*”, estar perto da vida social dos verdadeiros cidadãos, conviver com eles mas não estar plenamente integrado no prédio. Viver nestes micro-apartamentos é estar de alguma forma num espaço liminar, espaço que caracteriza o período dos estudos. A *chambre de bonne* está perto do telhado, um extremo, assim como a *loge de concierge* que está no térreo (*rez-de-chaussée*) dos prédios, lugar semi-público, lugar do lobby, da espera para aceder as moradias, lugar das caixas de correspondência, da espera do elevador. Num caso, se está excluído porque lá, no sexto-andar, ninguém sobe; no outro, porque por ali todos passam, se está perto do portão, dos estranhos, em uma palavra, da rua. Uma se localiza no último andar, a outra nem em um andar está. Se no interior do prédio, estes pequenos espaços ocupam um lugar marginal, no plano da vida pública isto fica totalmente apagado pois o que importa é “Ter um bom endereço”, num bairro ou numa rua de prestígio, como nos contava a filósofa francesa Claire, agora professora concursada pelo Estado francês, que mesmo com um bom salário continuava morando num *studio*, recebendo amigos (e entrevistadoras) num dos cafés da última moda parisiense.

O fato da cultura parisiense permitir que um jovem estudante more num espaço que seria considerado “marginal” em outra grande cidade do mundo, sem que isto se configure num rebaixamento de condição social nos pareceu uma questão peculiar sobre as representações sociais da moradia em Paris. Pois viver num quarto sem ducha ou WC não é considerado humilhante, como seria no Brasil, e faz inclusive parte dos ritos iniciáticos da vida intelectual francesa. No entanto, estes espaços de moradia só são aceites se transitórios e ligados ao período liminar da vida de estudante, uma vez que após o fim dos estudos este tipo de moradia se torna “inconveniente” para um jovem de classe média em busca de inserção social.

Post-Scriptum

Edith Cresson, então primeira-ministra, entrevistada em 1991 pela TV inglesa e pronunciou a frase que por semanas envolveu os serviços diplomáticos de dois países, acarretando inúmeros pedidos de escusas da parte do governo Mitterrand: "Os japoneses são como formigas, vivem empilhados". Lembramos que ao ouvir a declaração num jornal

televisivo francês que a retransmitiu em dada a enorme repercussão do caso nos vieram imediatamente tanto imagens da exiguidade dos espaços no Japão⁵¹ como em Paris, capital da França que tanto se indignava com o estilo de vida japonês. Para os franceses como Cresson, isso não era modo de morar humano, e na busca de um animal que também fosse exemplo de disciplina, a escolha recaiu sobre as formigas. Mas, para nós brasileiras, eram os parisienses que pareciam enjaulados durante o inverno em suas micro-gaiolas, com a particularidade de vizinharem com moradores de grandes apartamentos. A divisão social por bairros, iniciada por Haussman, ainda não conseguiu desalojar esses moradores e assim os japoneses do sexto-andar continuam convivendo com os parisienses de Cresson.

⁵¹ Como por exemplo, as cenas de Wim Wender em *Até o fim do mundo* de um hotel japonês onde os quartos eram gavetas.

Bibliografia

- Arendt, Hannah e Mary McCarthy. *Correspondance 1949-1975*. Paris, Stock, 1996.
- Augé, Marc *Domaines et Châteaux*. Paris, Seuil, 1989.
- Bachelard, G. *La poétique de l'espace*. Paris, PUF, 1984 (1957)
- Balzac, Honoré. *Les petits-bourgeois* (1a edição 1843).
- Bertrand, Jean Michel *Architecture de l'habitat urbain - la maison, le quartier, la ville*. Paris, Dunod, 1980:145.
- Bourdieu, Pierre "Vous avez dit populaire?" em *Actes de la Recherche*, 46:98-105, 1983.
- Butler,, Rémy e Patrice Noisette *Le Logement social en France 1815-1981- De la cité ouvrière au grande ensemble*. La Découverte/Maspero, 1983
- Clanché, François "Le confort des logements dessine aussi l'espace social" em *Économie et Statistique*. 288-289, 1995 - 8/9
- Petonnet, Colette. "L'anonymat ou la pellicule protectrice dans la ville inquiète", dans *Chemins de la ville. Enquêtes ethnologiques*. Paris, Comité des Travaux historiques et scientifiques, 1987.
- Duarte, L.Fernando *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. RJ, Zahar, 1986.
- Fonseca, Claudia *Caminhos da Adoção*. SP, Cortez editora, 1995.
- France, Anatole *Le Petit Pierre* Paris, 1918.
- Freyre, Gilberto *Sobrados e Mucambos*, José Olimpio Editora, Rio de Janeiro, 1985 (7a edição).
- Gerard Althabe
- Grossi, M.P e Rial, C.S. "Notre chère Denise" in *ILHA – revista de antropologia* n.1, vol 0.
- Hannerz, Ulf "The cultural role of world cities" em Cohen, A, e Fukui, Katsuyoshi *Humanising the City?* Edinburgh, Edinburgh university Press, 1993.
- Hemingway, Ernest *Paris é uma festa*. Rio, Civilização Brasileira, 1991:8. (ed. original em inglês 1964)
- Leiris, Michel. "Le sacré dans la vie quotidienne", dans Hollier, D.(ed.) *Le Collège de Sociologie*. Paris, Gallimard, 1979.
- Martin-Fugier, Anne *La Place des Bonnes (La domesticité féminine en 1900)*, Paris, Grasset, 1979.
- Mauss, Marcel "As técnicas Corporais" em *Sociologia e Antropologia*. SP, USP, 1974 (1950).
- Monique Eleb et Anne Debarre "L'invention de l'habitation moderne - Paris 1880-1914", Hazan et Archives d'Architecture Moderne, 1995.
- Paindailhé-Galabrun, Annick. *La naissance de l'intimité*, Paris, PUF, 1988.
- Segalen, Martine. *Les talons d'Achille*, Paris, Métailié, 1997.
- Smith, Neil, *The New Urban Frontier - gentrification and the revanchist city*, London, Routledge, 1996.
- Velho, Gilberto *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- Velho, Gilberto *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- Zola, E. *Pot-Bouille* Paris, (1882).

Outras Publicações

Le Monde de 11/12 mai 1997

L'Eclaireur Immobilier, n.4, mai 1997.

Guide des Maisons d'Artistes et d'Ecrivains en Région Parisienne, ed. La Manufacture, 1995.

PARIS - Le journal (Magazine d'information de la Ville de Paris) n. 69, 15.11.1996,pp

86/87.

LPS - Logement Privilège Services n. 3, avril/mai 1997.

Bien Sûr immobilier, s/n., s/n.

FUSAC

Guide des Maisons d'Artistes et d'Ecrivains en Région Parisienne, ed. La Manufacture, 1995

Filmes de ficção e documentários

"Villes Blessées, par la folie des hommes ou la colère des dieux" Programma du 12 mars au 6 mai 1997, Vidéothèque de Paris, n.17.

"Sous les toits de Paris", M. Spinelli et P.Gallo, 1986 (25 mn)

"Chambres de Bonne", Jean Loic Portron, 1980. (13 mn)

"C'est déjà loué", Joel Dupont, 1981 (13 mn)

"Une femme est une femme", Jean Luc Godard, 1967.

"Deux ou trois choses que je sais d'elle", Jean Luc Godard, 1969.

"Tous les garçons s'appellent Patrick", de Jean-Luc Godard

"Paris est une forêt" de Georges Franju

"Cléo de 5 à 7" de Agnès Varda

"La femme de l'aviateur", de Éric Rohmer

"Les jardins du Luxembourg" de Joëlle Van Effenterre.

"La punition" de Jean Rouch

"Até o fim do mundo" de Wim Wenders

"Chacun cherche son chat", de Cedrick?